ILUSTRAÇÃO

N.º 331 — 14.º ano

SENTINELA, ALERTA!

1-OUTUBRO-1939

PREÇO-5 escudos

A todos os portugueses, conscientes do amor que devem à sua língua, torna-se indispensável possuir, na sua estante ou na sua mesa de trabalho, o verdadeiro monumento da língua portuguesa, que é o Dicionário de Cândido de Figueiredo.

NOVO DICIONÁRIO

DA

LÍNGUA PORTUGUESA

POR

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUINTA EDIÇÃO (Actualizada na grafia e copiosamente ampliada)

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa.

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinqüenta vocábulos do que a edição anterior

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26×19 com **2.400** páginas aproximadamente, ou sejam **30 tomos,** e estará concluida no proximo ano.

Unicamente dicionário da língua portuguesa

A LIVRARIA BERTRAND, para facilitar a aquisição desta grande obra, faz a sua venda em tomos mensais de 80 páginas, a

Escudos 9$00 cada tômo

garantindo toda a regularidade na publicação dos tomos pois a impressão da obra está muito adiantada, podendo mesmo nalguns meses ser postos à venda dois tomos.

À VENDA O 7.º TÔMO

Pelo correio à cobrança, Esc. 10$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Director: ARTHUR BRANDÃO
Editor: José Júlio da Fonseca
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa
Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES 3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

TEATRO
DE
JÚLIO DANTAS
OBRAS COMPLETAS
5 volumes encadernados em percalina
Esc. 100$00
Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ÀS MÃIS PORTUGUESAS
Está à venda, refundida, ampliada, actualizada, a 4.ª edição de
O MEU MENINO
Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer
pelo DR. SAMUEL MAIA
Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a côres
1 vol. de 368 págs., broc., **Esc. 15$00**, enc., **Esc. 20$00**
Pelo correio, à cobrança, mais 1$00
Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS
Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o
ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra
a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos
e todas as dôres de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.
À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.
BAUME BENGUÉ
Apr. D. S. P. em 6-3-1913 sob o N.º 28
RHEUMATISMO-GOTA
NEVRALGIAS
Venda em todas as Pharmacias

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA
POR A. R. Gonçalves Viana
(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa»)
Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial
EM APÊNDICE: *O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras*
1 VOL. COM 664 PÁG. ENCADERNADO, **15$00**
Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA
:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::
AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE
CASA FUNDADA EM 1874
Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa
TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo
Orçamentos Grátis
Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA
Telefone 2 2074

GRAVADORES IMPRESSORES
Bertrand, Irmãos, L.da
Telefone 2 1368
Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

GRANDE EXITO LITERÁRIO

À venda, nova edição revista de

O HOMEM QUE MATOU O DIABO

DE **AQUILINO RIBEIRO**

O que são, afinal, amor, arte, Deus, o Diabo? Ilusões, Realidades?

1 vol. de 392 págs., brochado . . . . . **Esc. 12$00**
Pelo correio à cobrança . . . **13$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73-75 — **LISBOA**

UMA GRANDE REVELAÇÃO CIENTÍFICA

Um ano de tratamento da tuberculose pelo método embolígeno

DO **DR. BERNAY** (DE LYON)

PELO **Dr. MÁRIO DAMAS MÓRA**
Director da clínica da Trindade e Director do Dispensário Anti-Tuberculoso «Dr. M. Ferreira de Mira» da A. N. T.

1 vol. de 56 págs., formato 24×16,5 com 16 gravuras
Esc. 10$00; *pelo correio à cobrança*, **Esc. 11$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — **LISBOA**

A primeira obra comemorativa do terceiro centenário da Restauração

À VENDA

A RESTAURAÇÃO

POR **EDUARDO BRASÃO**
Da Academia Portuguesa da História

Relações diplomaticas de Portugal de 1640 a 1668

1 vol. de 480 págs. com um magnífico retrato do rei D. João IV, broc. **Esc. 18$00**
Pelo correio à cobrança . . **Esc. 20$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73-75 — **LISBOA**

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

A HABITAÇÃO

POR **Fernando Perfeito de Magalhães**
Com um prefácio do **Prof. Dr. Agostinho de Campos**

1 vol. com muitas gravuras, algumas a côres, representando projectos de construção de moradias etc., broc. **Esc. 10$00**
Pelo correio à cobrança **Esc. 11$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73-LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico.) — 1 vol. com 345 páginas, brochado.....	10$00
Eurico, o presbítero. (Romance.) — 338 páginas, brochado.....	10$00
O monge de Cistér, (Romance.) 2 vols., com 716 páginas, brochado	20$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado.....	20$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos.) 8 vols., 2.818 páginas, brochado.....	96$00
Estudos sôbre o casamento civil — 284 páginas, brochado .	10$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado.....	30$00
Composições várias — 374 páginas, brochado.....	10$00
Poesias — 224 páginas, brochado	10$00
Cartas (Inéditas) 2 vols., com 586 páginas, brochado.....	20$00

Opúsculos:

Vol.	I	*Questões públicas* — tomo I, 331 páginas
»	II	*Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
»	III	*Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
»	IV	*Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
»	V	*Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas
»	VI	*Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas
»	VII	*Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
»	VIII	*Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
»	IX	*Literatura* — tomo I, 295 páginas
»	X	*Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas

Cada volume, brochado ..... 10$00

Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. 324 páginas, brochado..... 12$00

Com encadernação em percalina, mais 5$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS
Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado ..... **15$00**
Pelo correio à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — **LISBOA**

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5×26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**
Pelo correio à cobrança, Esc. **27$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

1-OUTUBRO-1939
N.º 331 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

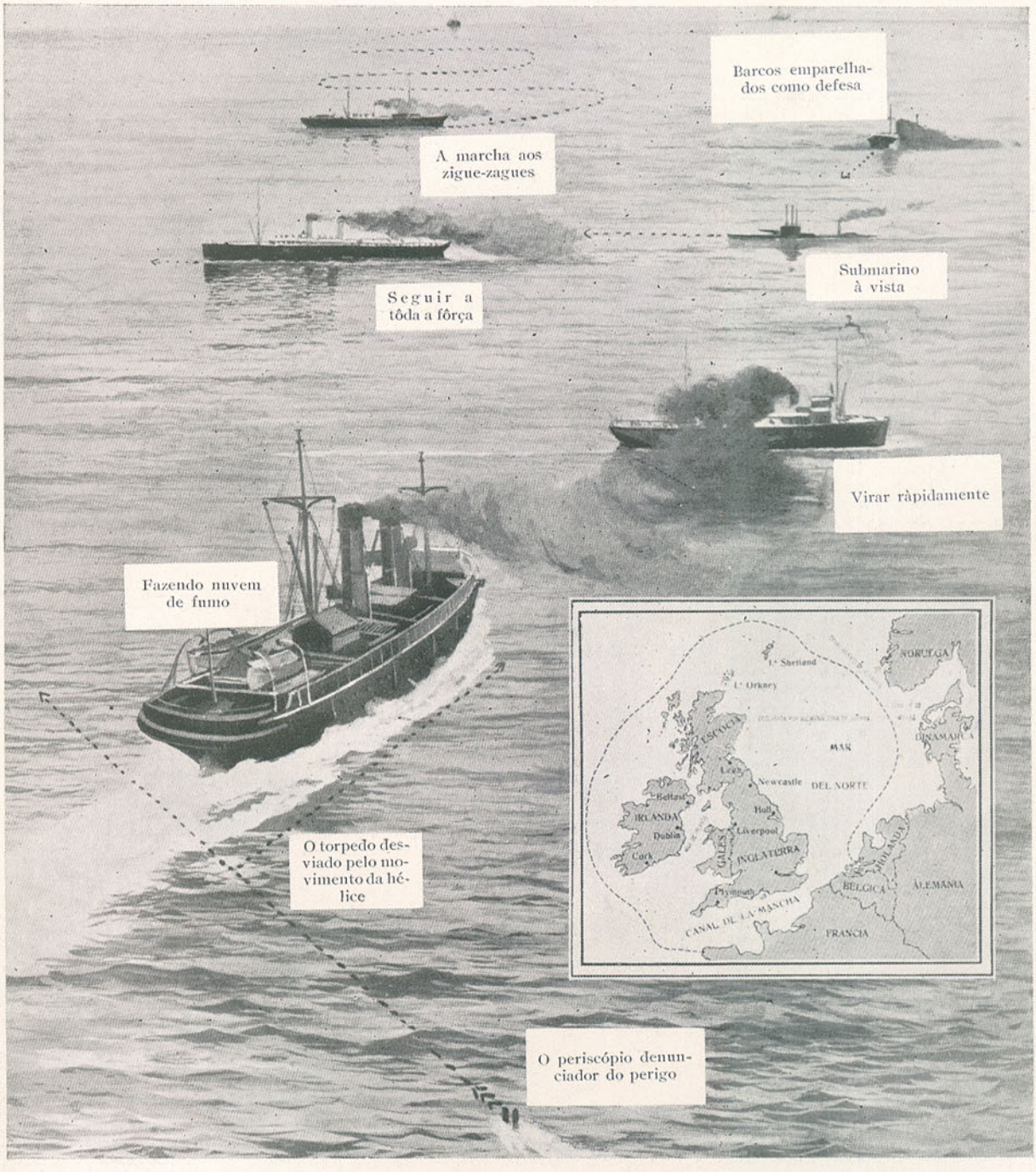
grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

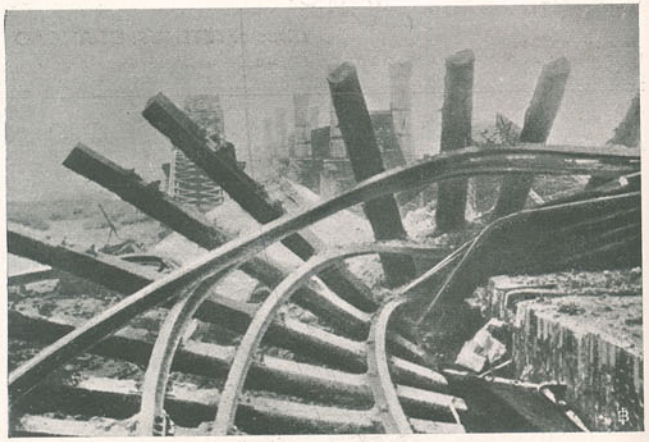
A DEFESA CONTRA OS SUBMARINOS



Quando da Grande Guerra, o Almirantado britânico divulgou o curioso gráfico acima reproduzido, indicando os meios de defesa mais práticos: virar ràpidamente logo que se apercebessem de que o periscópio do submarino se encontrava apontado ao través do barco ameaçado. Com esta manobra, executada com a maior prontidão, não só se dificultaria o alvo, mas o redemoinho da água feito pela hélice influiria na direcção do torpedo. A marcha em zigue-zagues, a nuvem de fumo para ocultar a marcha, e, finalmente, o navegar em parelha eram outros meios indicados. Neste último, enquanto o submarino visa um barco, o outro pode investi-lo pelo flanco

EIS A GUERRA

Aspectos do flagelo que vai



Eis a guerra com todos os seus horrores. A carnificina desenrolada na Polónia mostrou bem o poder mortífero dos engenhos modernos de destruïção de vidas e cidades. Que diria Alexandre Magno se voltasse ao mundo? A valentia dos seus guerreiros e a sua lealdade em combate, nada poderiam contra esta nova maneira de fazer a guerra. A arte de combater nos tempos que vão correndo é tôda de fintas, sofismas e e disfarces. A vitória pende muitas vezes para os que dispõem de melhor espionagem.

Dizia-se noutros tempos que os guerreiros corriam para as fronteiras da sua pátria invadida, a fim de impedir que os invasores viessem aos seus lares matar-lhes os pais velhinhos, e os filhos no berço.

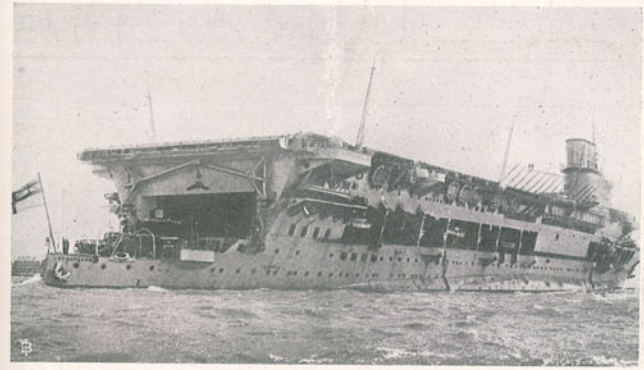
Hoje não. Os bombardeamentos aéreos destroem uma cidade sem que os seus filhos possam reagir.

É a guerra de hoje... Qual será a de amanhã?

Nas gravuras que ilustram esta página vemos alguns aspectos da guerra na Polónia. *Em cima, à esquerda:* enfermeiros alemães conduzem os primeiros camaradas mortos na Silésia. *A' direita:* o trágico aspecto duma linha férrea nos arredores de Varsóvia após um bombardeamento aéreo pelos alemães, no momento em que passava um comboio de refugiados. Pelos destroços da linha se avalia o estado em que ficariam os pobres refugiados. *Em baixo:* Uma coluna de *tanks* ligeiros fazendo um *raid* nas linhas polacas. Ficou memorável a bravura dos invadidos que chegavam a atirar-se contra estes monstros de aço que vomitam a morte por mil bocas. E, várias vezes, os *tanks* alemães foram destruídos ou aprisionados pela infantaria polaca. A Polónia sucumbiu, mas o seu patriotismo ficou marcando o mais belo exemplo para os povos que prezam, acima de tudo, a sua independência. E é, graças a êsse fervor, que a heróica nação se tem erguido sempre do túmulo em que pretendem encerrá-la.

ÊSSE MONSTRO...

ainda no seu primeiro mês



O porta-aviões britânico «Courageous» que foi metido no fundo por um submarino alemão, no Mar do Norte pelas alturas de Sunderland
A' direita: Um soldado alemão junto do túmulo do marechal Pilsudski

Uma fase do ataque a Cracóvia: Os soldados alemães avançam protegidos por *tanks* sob o fogo das metralhadoras polacas
A' direita: Um aspecto do bairro de Praga em Varsóvia após um dos bombardeamentos

Uma coluna alemã motorizada atravessando o Vistula, ao sul de Varsóvia, a fim de fechar o cêrco à heroica cidade que se defendeu com o maior heroísmo

NOTICIAS DA QUINZENA

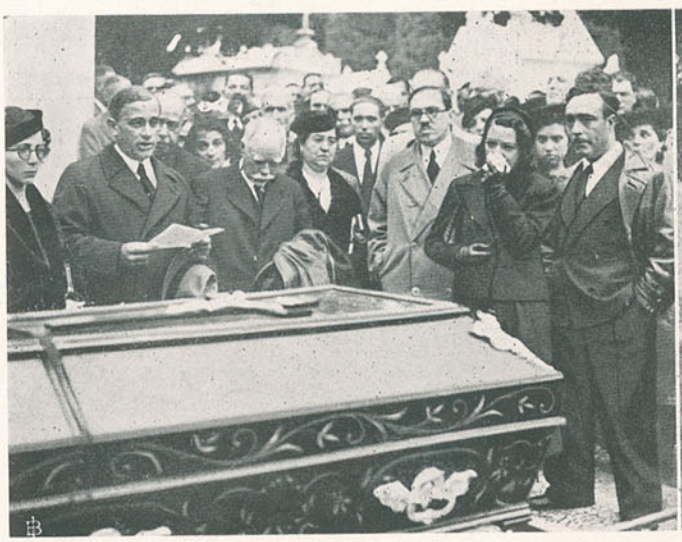
Os dois ilustres artistas de cinema Jan Kiepura e Marta Eggerth, a bordo do «Vulcânia», na sua passagem pelo Tejo. O famoso cantor polaco vai aos Estados Unidos da América com a missão de arranjar fundos para auxílio dos seus compatriotas refugiados.

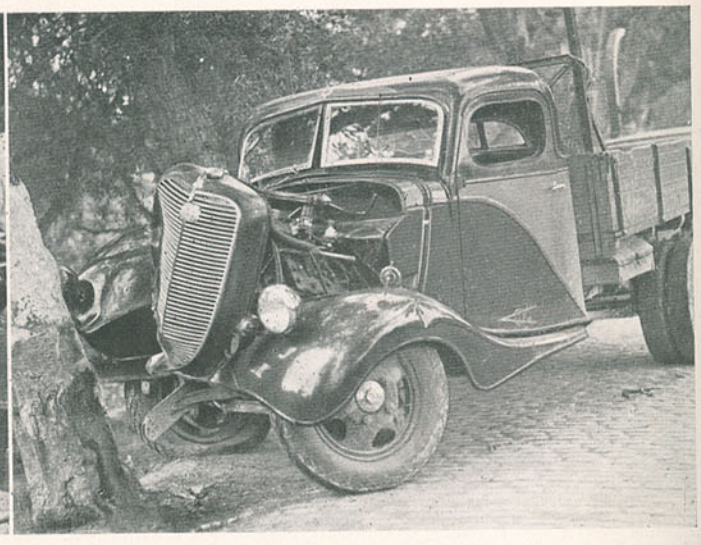
Não deve demorar-se muito nas paragens americanas. Algumas semanas apenas, segundo o seu cálculo.

«— É que tenho pressa em voltar — declarou êle — pois desejo acompanhar de perto o esfôrço do povo francês, êsse povo admirável que está disposto a bater-se até ao fim.»

Quando a Polónia sentiu o perigo que a ameaçava, Jan Kiepura correu tôdas as cidades do seu país, cantando em recintos ao ar livre, para angariar donativos destinados à Defesa Nacional. Dias depois de chegar a Paris, é que se deu a invasão.

O sr. comodoro Sousa Ventura, comandante da Fôrça Naval da Metropole e o sr. capitão-tenente Quintanilha de Mendonça Dias, seu chefe de estado maior, assistindo aos exercícios navais. A Fôrça Naval da Metrópole é constituida por 1 aviso de 1.ª classe, 1 aviso de 2.ª classe, 6 contratorpedeiros, 3 submersíveis e a fragata «D. Fernando II e Glória» para servir eventualmente de navio chefe





O funeral do prof. dr. António dos Santos Lucas, coronel de engenharia, lente jubilado da Faculdade de Ciências de Lisboa e antigo ministro das Finanças. Junto do jazigo, como a gravura acima representa, falou o sr. dr. Victor Hugo de Lemos em nome do Conselho da Faculdade e dos antigos alunos do ilustre extinto. — *A' direita:* Choque de uma camioneta contra uma árvore na ladeira das Alminhas, próximo de Leiria, resultando três pessoas gravemente feridas

AMÔR—ETERNA LOUCURA!

— Tu não gostas de mim!...

Eterno gemido dum coração que ama, dum coração que se entregou, dum coração que em cada alegria pura encontra o tormento da dúvida cruciante.

— Êle não gosta de mim!....

Maria das Flôres — nome gentil que um capricho de amor lhe déra, por o romance paterno ter começago com flôres — levantou a cabecinha triste e seus olhos, duma côr incerta mas bela, poisaram-se lagrimosos na fotografia a que dirigia a censura.

Minutos; faltavam apenas minutos para que o seu destino se decidisse. Carlos partiria? Carlos levá-la-ia com êle? Seria capaz de tão nobre gesto?

Carlos!

E tôdo o seu drama lhe acudia à mente enfraquecida.

Fôra numa noite de inverno. Ao regressar do escritório, mal precavida contra o frio e contra a chuva, doente talvez, exausta de tanta lida, fatigada de tanta lágrima, renunciára a viver.

Para que havia de existir? Para quê? Se ninguém lhe estendia os braços a amparar-lhe o corpo débil, se a ninguém interessava o pobre sorriso do seu rosto macilento, se a ninguém era preciso o cuidado da sua alminha solitária!

Pobre isolada do mundo, orfã desde criança, educada numa casa de caridade, ave sem ninho e sem ternura, penas arqueadas no vendaval da noite escura do destino, que as estrelas do afecto não aclaravam, Maria das Flôres — Maria das Dôres por tanta dôr sofrida — renunciára a viver. Mas... eis que um braço se estende, eis que o salto derradeiro para o turbilhão das águas revoltas lhe é vedado por um corpo forte.

— Criança... criança....

E deixara-se levar... e, pela primeira vez, sentira o amparo duma afeição que lhe iluminava a escuridão da alma em desespêro.

Êle comoveu-se com a sua miséria, reconheceu nela a virgem imaculada que a desgraça espreitava, e amou-a.

Ela, criança quási, amou-o com tôdos os amôres que nela se guardavam, ciosos.

— Oh! Como ela amava Carlos, Carlos que lhe déra a vida para que ela o amasse!

E êle adorava-a... adorava-a...

Agora?!!

Os seus olhos tristes, atentos no relógio, sofreram mais.

— Êle já não vinha... já não gostava dela, portanto!

Um soluço! Não foi mais do que um soluço... O coração cansado, cansado de tanta dôr, cansado de tanta mágoa, não pôde suportar.

Num papel, ao acaso, a mão débil traçou algumas linhas aflitivas.

«Tu não vens... não vens... não gostas de mim, tu que fôste o meu «único amôr!...».

Depois, a cabecinha pendeu-lhe, o olhar cerrou-se-lhe, e ficou imóvel.

Morta? — Talvez para tôdo o sentimento.

Num bercinho, junto dela, vagia um bébé.

*

* *

Batem à porta, repetidas vezes. Ninguém abre. Um punho forte rebenta a fechadura e um homem entra. Foge-lhe dos lábios um grito.

— Maria das Flôres!

Mas Maria não dá acôrdo de si; permanece imóvel, inerte, fria e álgida como a sepultura onde o sônho vai encerrar-se.

O apêlo do homem torna-se mais ardente, mais aflitivo, transbordante de angústia e dôr.

— Maria das Flôres! — e mais baixinho — Meu amôr... Eu tardei tão pouco!...

A pobre rapariga não fêz um gesto e essa imobilidade aterrou-o.

Que fazer?

*

* *

Dias depois, Maria das Flôres, perdida a luz do entendimento, dava entrada numa casa de saúde.

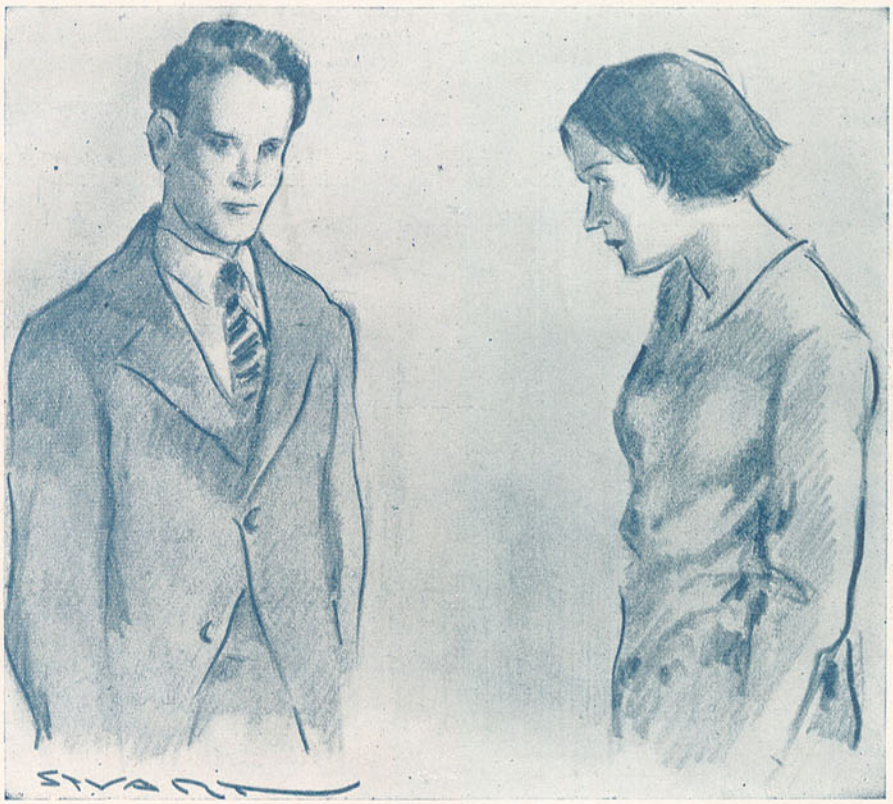
Para ela o mundo acabara, a vida deixára de ter razão de ser.

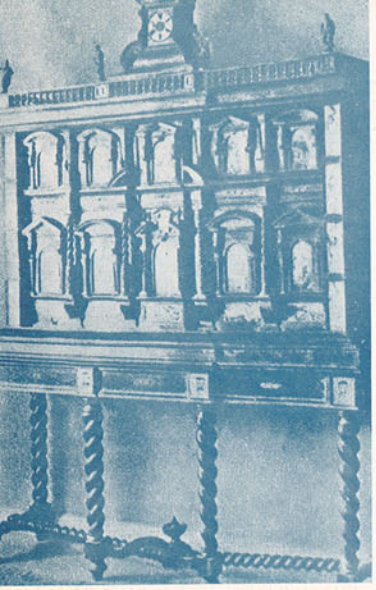
Enlouquecera...

E o homem que viu fecharem-se sôbre ela as portas dêsse jazigo de vivos, apertando nos braços um bébé risonho, compreendeu que, na verdade, o Destino exigira que, para Maria das Flôres, só tivesse existido um único amor!

Amôr — eterna loucura!...

ODETTE PASSOS DE SAINT-MAURICE





O famoso «Armário dos Venenos» de Lucrécia Bórgia

UMA RELÍQUIA APAVORANTE

Onde foi parar o "Armário dos Venenos,, de Lucrécia Bórgia?

Quem o levaria da Rússia onde se encontrava há mais de cem anos?

MUITO se tem escrito sôbre a celebrada Lucrécia Bórgia, a linda mulher que uns consideram uma execrável criminosa e outros uma pobre vítima das mais atrozes calúnias.

Lucrécia Borgia

No entanto, os acusadores persistem na sua, julgando-se apoiados em provas irrefutáveis e concludentes da culpabilidade da envenenadora Lucrécia Bórgia, digna discípula de seu famigerado pai.

Sabia-se que, em princípios do século XIX, o cardial de Médicis oferecera a Alexandre I, da Rússia, um móvel curiosíssimo, estilo Renascença, com preciosos adornos. O Médicis patenteava assim ao soberano moscovita a sua gratidão pela ajuda que êste se dignara prestar aos católicos russos.

Tratava-se, nada mais, nada menos, que do famoso «armário dos venenos» que Cesar Bórgia oferecera a sua irmã Lucrécia, sendo natural que escolhesse o que lhe fôsse de mais utilidade.

Êste armário mede 1m,64 de altura, por 2m de largura, e 0m,62 de fundo, e é ornamentado com incrustações preciosas e esmaltes primorosíssimos. Na parte alta ostenta graciosas figuras de bronze que denunciam a mão dum escultor de génio. Em cima, ergue-se tambem um relógio de bronze, cujo mostrador marca apenas seis horas.

Vem a propósito dizer que o conhecido professor e crítico de arte, Max Liebermann, apreciando os esmaltes que enfeitam o terrível armário, disse:

«É a mais maravilhosa obra de arte da Renascença que conheço».

Ora, a peça mais apavorante que o armário contém é a fechadura, pois oculta uma fina agulha impregnada dum veneno subtilíssimo.

Quando alguém, ignorando o segrêdo, fazia girar a chave, a agulha, impelida pela pressão, cravava-se na mão do incauto que tinha morte imediata, resultando inúteis todos os esforços empregados para o salvar. E, como nêsse tempo, não se chegára ainda ao aperfeiçoamento actual das investigações por meio de autópsia, a causa da morte ficava sempre envolta no mais denso mistério.

Assim morreram, segundo se diz, muitos dos inimigos e até amantes incómodos da formosa Lucrécia.

Era êste o «armário dos venenos» que, um dia, um Médicis ofereceu como prenda valiosa ao soberano autocrata de todas as Rússias.

O móvel conservou-se durante mais de um século na posse da casa imperial dos Romanov.

Pois em 1917 foi levado da Rússia por uma engenhosa maneira.

* * *

Segundo o relato dum reporter, a acção passa-se nas proximidades da fronteira da Finlândia, nos horrorosos últimos dias de Novembro de 1917.

Anoitecia. Um campónio guiava uma carroça através duma dessas longas e penosas estradas esmaltadas de gêlo. Era necessário usar da máxima precaução, visto aparecer a cada passo um guarda vermelho farejando fugitivos. Os bolchevistas tinham-se apoderado do poder e apertavam, tanto quanto possível, a sua rêde.

O campónio seguia com a maior calma guiando a sua carroça.

Medalhão de Lucrécia Bórgia

— Faça alto! — ordenou a voz áspera dum guarda apontando-lhe à cabeça um velho e pesado revólver Colt.

O campónio fez parar o veículo.

— Onde vai, camarada? — perguntou o guarda vermelho, alçando a sua lanterna.

O campónio, sem manifestar grande contrariedade, apeou-se, e deu algumas palmadas no torso e nos membros para se desentorpecer do frio.

— Boas noites, camarada! — cumprimentou êle numa voz que parecia entaramelada pela *vodka* — Vou de regresso a casa que fica a poucos quilómetros da fronteira... Há já várias semanas que não vejo nem a mulher nem os filhos.

A terrível fechadura envenenada do fatídico armário

Lucrécia Bórgia

— Bem — replicou a sentinela — Para isso deve trazer papeis de 1.ª classe para passar a fronteira a estas horas... Venham êles.

O campónio e o guarda entraram no pôsto onde se agrupavam vários guardas vermelhos de má catadura que bebiam e fumavam em volta do «samovar».

O campónio abriu o capote e a jaqueta, e, depois de procurar um bolso falso debaixo da encardida camisa, tirou uma pequena carteira.

— Aqui estão os meus papeis, camarada, — disse por fim o campónio, exibindo os documentos exigidos — Como vê, estão assinados pelo próprio comandante de Petrogrado.

Depois de examinar detidamente os papeis e de consultar em voz baixa os seus companheiros, o guarda devolveu a documentação ao campónio.

— Muito bem — disse êle — Os papeis estão em ordem. Agora vamos vêr o que vai na carroça.

E, acompanhado por um camarada que dava ao diabo tão impertinentes viajantes que vinham importuná-los a tais horas, saiu atrás do campónio.

— O que levo está bem à vista — elucidou êste — Móveis mais velhos que Matusalem...

— Para que serve isto?

— Eu lhe digo, camarada... É que minha sogra teve a bela ideia de morrer, deixando êstes miseráveis trastes... Daí... como se compreende...

— Que é isto? — perguntou um dos soldados indicando um móvel grande que estava no fundo da carroça.

— Um armário, ao que parece... É isto, camaradas. Só quem atura mulheres é que pode fazer ideia das estopadas que nos pregam... Dando-lhes na telha, abusam da nossa paciência e encarregam-nos do transporte de trastes inúteis.

— Mas êste armário não parece inútil de todo — objectou um dos guardas.

— Ora, para que diabo prestará isto?... Lá a patrôa é que mostrou o maior empenho em ficar com êste armário que, segundo ela diz, é uma recordação de seu pai... Como foi êle quem o fez, vão lá tirar-lhe a mania da cabeça... Caprichos de mulheres...

— Está bem — rematou o guarda — pode seguir o seu caminho.

— Até à vista, camarada.

E o campónio voltou a saltar para a boleia e fez estalar o chicote, seguindo a carroça através da estrada coberta de gêlo.

Quando transpôs a fronteira, soltou um suspiro de alívio.

— Escapei de boa! — murmurou êle — se aquêles rafeiros farejam um pouco mais, e dão pela coisa, nem a alma se me aproveitava!

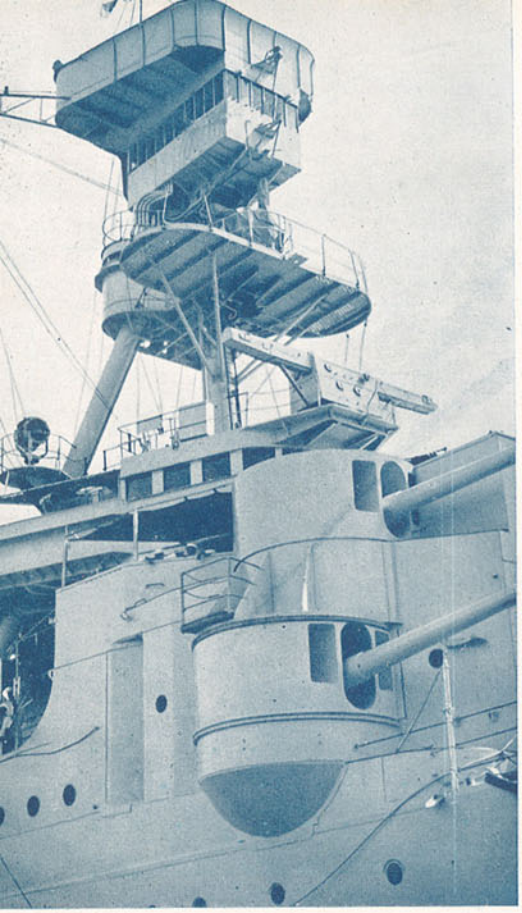
Foi assim que saiu da Rússia o famoso «armário dos venenos de Lucrécia Bórgia». Onde se encontrará êle hoje?

Em 1931 estava guardado numa modesta vivenda dos arredores de Berlim, pertencente a um antigo secretário do estadista russo Sergio Witte que teve alta influência na Côrte de S. Petersburgo.

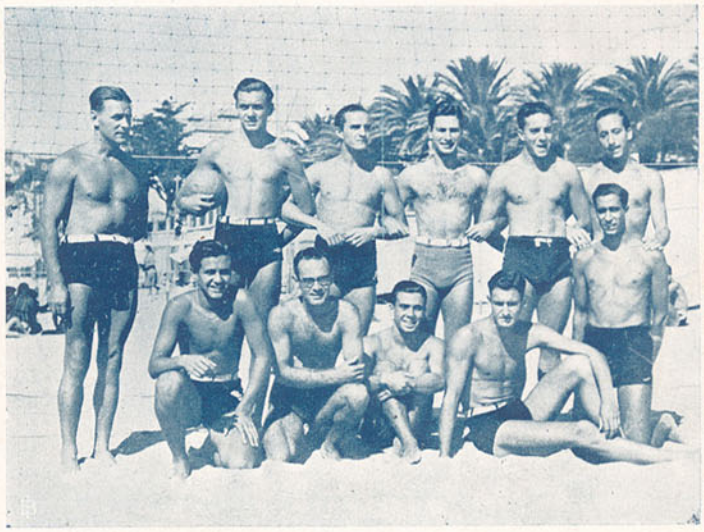
Os preciosos esmaltes do «Armário dos Venenos»

Lucrécia Bórgia

ACTUALIDADES DA QUINZENA



Um curioso aspecto da tôrre do navio-almirante americano «Trenton», da esquadra americana que entrou no Tejo. Na gravura à direita vê-se o sr. Ministro da América, sr. Pell, saindo de bordo do «Trenton» onde foi recebido pelo almirante Courtney, comandante da esquadra americana em águas da Europa



Os finalistas do campeonato de «volleyball» organizado pelo professor Estevão Torok, nos torneios da praia do Estoril. A vitória coube à equipa Estoril-Zuncha A, que bateu na final a da Associação Académica do Monte Estoril por 13/15, 16/14, 21/16. — *A' direita:* Senhoras concorrentes do Torneio Americano de Pares Mixtos para juniores

A TODOS OS AMIGOS DA "ILUSTRAÇÃO"

O cataclismo da guerra perturba tôdas as actividades, atingindo gravemente a economia desta "Ilustração".

O preço das gravuras que a emprêsa da "Ilustração" pagava a 20 centavos cada centímetro quadrado com 10% de desconto, foi elevado a 30 centavos com o mesmo desconto, ou seja um aumento de 50%. Acresce também a circunstância do papel ser importado do estrangeiro — porque o papel couché não se fabrica em Portugal — e sofrer o aumento do seu custo, o do frete, o prémio do seguro de guerra e ainda ficar-se na contingência de receber ou não o papel. Estas razões imperiosas criam à emprêsa proprietária desta revista, única ilustração portuguesa no género, registo literário e gráfico dos acontecimentos, e que constitui o arquivo ilustrado de tôda a actividade do Estado Novo, graves embaraços.

Não se fabricando o papel couché em Portugal, não havendo pois industria nessa especialidade a proteger, — os direitos de importação, atingem com as diferentes alcavalas a dois escudos por quilo, — seria de considerar uma redução dessa exageradíssima taxa.

OLHANDO A LUA...

TRÊS da manhã. Não tenho sôno e estar deitada, sem dormir, é coisa que não me agrada.

Levanto-me e vou à janela que dá para o quintal.

Fico maravilhada com o belo espectáculo que ante os meus olhos se desenrola.

Tudo inundado de luar, as nespereiras reflectem-se no chão, num desenho surpreendente, no recorte das fôlhas filigranadas de luz.

Ao lado da lua uma estrêla só, uma única estrêla no céu.

Fico-me estarrecida; a alma a transbordar de sensações curiosas que não sei dizer, a olhar, ora para a lua radiosa, ora para a estrêla que pica uma ligeira núvem com um ponto luminoso.

E penso quanta gente, em qualquer hora da noite, lá muito longe, em sítios diversos, vê esta mesma lua que me entorna pelo quarto dentro uma dôce claridade.

E entra comigo um triste cismar nas coisas amargas da vida, que podiam saber a mel, se nós as encarássemos blindadas num sereno optimismo, em vez de acicatadas pela dúvida ou por uma idéia ruím.

Tal como se recebe o beijo de quem se ama:

Os beijos que tu me dás
Têm dois sabores dif'rentes:
Mel, quando acredito em ti,
Fel, se penso que me mentes.

Porque não há-de a gente correr com todos os maus pensamentos que vêm perturbar a tranqüilidade do nosso sentir, e porque não preferimos deixar-nos embalar pela ilusão, já que a ilusão é a própria felicidade?

—•—

Esta mania de profundar, de querer saber mais além, estraga tudo quanto nós pretendemos forjar nas oficinas da ventura, como o vendaval faz campo razo dos mais floridos canteiros.

Para que havemos de querer tirar a limpo situações que assim como estão nos dão a idéia de que alguma coisa conseguimos daquilo que ambicionávamos?

Isto de apurar de mais a nossa inteligência, para penetrarmos nos reconditos confusos da alma do próximo, só nos traz decepções.

E a vaidade de nos julgarmos espertos acaba com essa linda ignorância das traições e das deslealdades, essa ignorância, única garantia da ilusão em que vivemos dum sonhado amor que nos coube ou duma cubiçada amizade que afinal a nós se chegou apenas por interêsse, e que depois de locupletada se desvia, voltando-nos as costas, e singra em direcção a outra alma confiada e simples, que mete no fundo do mar das desilusões, depois de saqueada. Porque não há piratas só nos mares.

Existem pelo mundo fóra em terra firme, atravessam palácios, salões e choupanas, e põem a saque as almas e os bens de quem acreditou nas suas falas mansas e ao parecer honestas.

—•—

E pensarmos que sob esta lua prateada, que convida a sonhar tão lindas coisas, homens se matam, levados pela ambição de uns e pela generosidade justiceira de outros, quando seria tão fácil um entendimento comum de paz, vivendo todos como irmãos em Cristo, socorrendo-se e amparando-se mùtuamente, desfazendo equívocos pela palavra persuasiva e bem intencionada.

Ainda há pouco eu sorria, embevecida, para um encantador desenho de Stuart, no *Diário de Notícias — Intervenção.*

Um par amoroso — êle soldado — abraçava-se comovido, emquanto Cupido, o Deus-menino — mandava calar o canhão.

Quando será que o ferro e o aço hão-de servir ùnicamente para enriquecer as artes e as indústrias?

Quando há-de o ódio ceder, para sempre, o lugar ao amor entre os homens?

Quem dera que por todo o mundo se pudesse cantar, sentindo-os e vivendo-os, aquêles versos do *Rosmaninho,* de um tão bíblico sabor:

Na minha aldeia
Não há ódios, só estimas,
Tem-se amor pela vida alheia,
Todos são primos e primas.

Sem ambições,
Cada qual seu pão grangeia,
E à noite há serões,
A' luz da candeia.

Que lindo ideal! E foi isto mesmo que Jesús prégou...

—•—

Fechei a janela e venho saboreando ainda deliciada o encanto dessa visão.

Mas d'aí a momentos quis vê-las outra vez, a lua e a sua companheira no espaço infinito.

Voltei à sacada e tôda a magía se desfez.

As árvores já não se recortavam no solo, desenhadas à luz.

Erguiam-se, agora, opacas, dum verde negro.

A estrelinha debatia-se por detraz duma núvem, crivando-a com as suas pontas de claridade, de quando em quando, até que de todo se sumiu, vencida.

A lua estava como que embutida, num círculo azulado que, a pouco e pouco, a foi absorvendo, espalhando a treva.

Porque não me contentei eu com a minha primeira impressão, e guardei dela o encanto percebido?

Quem me mandou querer ver mais e melhor?

E é assim sempre a mesma penosa impressão, o mesmo desmoronar de sonhos, quando nos debruçâmos outra vez sôbre as almas que nos encantaram na primeira vista.

MERCEDES BLASCO

A VELHA LENDA DA "ÁRVORE DA FÔRCA"

e o carinho de que o Pôrto a rodeia

O estado actual da «Árvore da Fôrca»

No Jardim da Cordoaria, do Pôrto, encontra-se ainda um antigo negrilho que os orvalhos de mais de três séculos ungiram e ainda se levanta arrogantemente entre as árvores mais jovens que o rodeiam.

O local onde existe hoje o Jardim da Cordoaria chamava-se há trezentos anos o Campo do Olival, e ficava então fora das portas da cidade.

Felipe II, desejando dar um ar da sua graça aos portugueses, e querendo demonstrar-lhes que não os esquecia um momento sequer, ordenou ao Senado, em carta datada de 1611, a plantação de uma alameda no Campo do Olival, e como ela seria de «muito ornato e comum benefício da cidade» determinava que se fizesse imediatamente a arrematação da obra para a qual destinava parte do imposto de um ceitil sôbre o vinho.

O rei nomeava ainda superintendente das obras o desembargador Manuel Sequeira Novais.

Como o Campo do Olival fôsse utilizado para revistas militares, o sargento-mór, logo que soube do régio projecto, lavrou acto contínuo o seu protesto. O Senado, reünido para êsse fim, deu razão ao sargento-mór, fazendo por esquecer as ordens do monarca.

Outras entidades, porém, interessadas na realização da obra, chamaram a atenção de Felipe II que, em nova carta, insistiu pela imediata satisfação da sua régia vontade.

Não houve outro remédio senão obedecer.

O Senado ordenou a plantação da alameda, que ficou concluída em 1613, sendo logo nomeados pelo rei quatro guardas.

Foi assim que nasceu o famoso negrilho que é hoje conhecido por «árvore da fôrca».

Como se formou a lenda?

Dizem os eruditos que esta árvore nunca serviu para enforcar desgraçado algum, embora tivesse assistido a horrorosas cênas de sangue, especialmente a de 14 de Outubro de 1757 em que foram decapitados, por ordem do Marquês de Pombal, trinta e quatro implicados numa causa que tem sido julgada, por diversas formas, pela História.

A propósito, o ilustre agrónomo sr. Duarte de Oliveira Júnior, escrevia no «Jornal de Horticultura Prática»:

«Nêsse momento, a malfadada árvore, envergonhada em face daquele estado de civilização, não derramava lágrimas, mas desprendia as suas fôlhas, que, impelidas pelo vento outonal, iam caír aos pés dos condenados — dêsses miseráveis que tinham ousado erguer a voz contra a Companhia dos Vinhos, que, tal qual a fundaram, era uma das mais repugnantes imposições dum ministro despótico, rancoroso; a vergonha duma nação inteira que soubesse pensar.

Trinta e quatro pessoas pereceram em frente dêsse colosso vegetal que hoje admiramos, e ao qual todos dão o nome simples, mas bem definido, de Árvore da Cordoaria.

Não se confunde com outra. É como se se dissesse: «O grande ancião; o livro que encerra a história da nossa cidade, de mais de dois séculos».

A todos viu ela nascer; conheceu os nossos avós, e a alguns dos nossos bisavós recebeu ela os últimos alentos.

Em 1860 deram as tôrres sinal de incêndio, chamando o auxílio para a circunscrição da Vitória. Tinha-se declarado fôgo na árvore secular, causado por uma fogueira dos cordoeiros. O incêndio extinguiu-se prontamente, e em seguida, a instâncias do falecido dr. Assis de Sousa Vaz, tratou-se de proteger êsse monumento do Pôrto.

Na parte cariada e ofendida pelo fôgo colocou-se uma chapa de ferro, para a proteger, e à volta pôs-se um gradeamento de ferro, que foi retirado em 1869, quando, devido à iniciativa do sr. Visconde de Vilar d'Aleu, então membro da Camara Municipal, se ajardinou a praça.

Êste cavalheiro foi nêsse tempo altamente empenhado, segundo as suas próprias palavras (Almanaque do Horticultor, 1879, pag. 105), para melhorar a arquitectura daquele venerável espécime, pretendendo, os que isso pediam, que os seus ramos não eram regulares, e que mostrava assim uma aparência de maneta.

O sr. Visconde de Vilar d'Aleu, que ainda hoje podemos afirmar que foi quem mais serviços prestou à jardinagem portuense, nunca anuíu a tão insólito pedido. Respeitou o ramo mais insignificante da árvore, como quem respeita as cinzas dum seu antepassado.

Em seguida veio a gerência do sr. Manoel Justino de Azevedo, e então falou-se muito de que o Alamo ia perecer — e nós muitas vezes nos convencemos disso, porque, nessa época, houve um verdadeiro furor contra tôdas as árvores. Enfim, o receio da censura dos poucos que então estigmatizavam tal proceder, ou reflexão mais madura, pouparam o *Ulmus campestris*, até que o fortíssimo vendaval da noite de 2 de Fevereiro lhe fez perder um frondoso ramo do lado do nascente.

Ficou muito defeituoso; mas o infrene vendaval não nos quis privar dêle totalmente.

Centenas de pessoas rodeavam-no nesse dia, e como que corriam a prestar-lhe homenagem de respeito.

É-nos difícil precisar com exactidão a idade dêste Alamo *(Ulmus campestris)*, porque nos faltam elementos para determiná-la.

O que era em 1758 di-lo um escritor em 1788:

«O Campo da Cordoaria é rodeado de três filas de grossos e elevados Alamos plantados no mês de Fevereiro de 1758 em forma de uma grande praça vazia, a qual deixaria livre para o Passeio Público um largo e formoso Terreiro, se nêle não trabalhasse a grande e importante Fábrica de cordas e calabres».

Estes três renques de Alamos que o autor descreve, plantados em 1758, estão ainda na memória de muitos dos que hoje vivem; mas de nenhum dêles é, por certo, a célebre Árvore da Cordoaria que hoje existe, e que foi condenada à morte, como tôdas as outras da cidade, por ocasião do cêrco.

Nós dar-lhe-íamos antes o nome de Árvore da Liberdade, porque foi ela uma das testemunhas que assistiu ao hastear da bandeira da nossa independência. Viu correr sob os seus ramos o sangue das vítimas; ouviu o troar do canhão e o sibilar das balas, e por mais de uma vez seria ferida durante a refrega.

As companheiras de batalha pereceram tôdas aos golpes de machado, e só ela foi respeitada, porque, então, era talvez a mais formosa e a mais altaneira: ocupava entre elas o lugar de honra.

Afirmaram-nos que foi o dr. Francisco Faustino da Costa, então provedor da Misericórdia, quem pedira a D. Pedro IV que a mandasse poupar.

A máxima idade que o *Ulmus campestris* atinge é de 335 anos e, segundo tôdas as probabilidades, o que existe na Cordoaria deve contar, pelo menos, 274.

Vejâmos alguns documentos extraídos do arquivo da Câmara Municipal do Pôrto e que dizem respeito à alameda da Cordoaria:

O Alvará Régio que mandou fazer a sua plantação à custa da imposição do vinho tem a data de 28 de Setembro de 1611 (Liv. IV de Proprias, fl. 234). E pela Carta Régia de 25 de Junho de 1612 é mandada fazer de novo a sua plantação (Liv. IV das Proprias, fl. 253).

No Alvará Régio de 11 de Julho de 1612 ordena-se a nomeação de dois guardas com o vencimento de 15$00 anuais cada um, e proïbindo a entrada na alameda, tanto de dia como de noite, sem licença dos mesmos guardas. (Liv. IX das Proprias, fl. 24).

E finalmente outra Carta Régia de 6 de Março de 1515 mandou continuar a plantação da mesma; que o número de guardas fôsse de quatro e que fôssem dispensados os cordoeiros de guardarem êste passeio, etc., etc. (Liv. IV, fl. 266).

Em face dêstes documentos, não há que duvidar que o grande Alamo conta mais de 270 anos, ou perto de três séculos.

Dum para outro momento pode perder-se completamente, e a cidade inteira pranteará a sua morte, porque à sua existência estão ligados factos históricos do Pôrto, que jámais esquecerão.

Prolongar a sua vida não é hoje, porém difícil, e por isso lembramos e até pedimos, se tanto se tornar necessário, que no Outono se colham algumas sementes, para, por via delas, se perpetuar tão famoso vegetal, e que no dia 14 de Outubro de 1886 se disponham quatro destas árvores ao lado das quatro entradas do actual jardim, inscrevendo-se, próximo de cada uma, essa data sanguinolenta:

14 de Outubro de 1757

Agora, não; porém, mais tarde, a história ocupar-se-a dessas vergônteas, que são o prolongamento da vida de um sêr que bem do alto observou o que as gerações actuais comentam por diversas formas.

Enquanto êsse colosso vegetal viver; enquanto êle tiver um único sinal de vida, cuide-se dêle como do enfermo que bate às portas da morte, como do parente estremoso que está próximo a exalar o último suspiro, e mesmo depois de morto conserve-se ali o seu tronco, considerando-o uma relíquia da cidade; mas hoje coloque-se-lhe ao lado uma lápide com esta singela inscrição:

ÁRVORE DA LIBERDADE

Nasceu em 1611
Viu decapitar muitos inocentes
e vive ainda
em fins do século XIX
rodeada dos carinhos dum povo culto

Os povos têm hoje amor pela tradição, e é necessário respeitá-la.»

Um aspecto da cidade do Pôrto

A ponte de D. Luiz sôbre o rio Douro

Um trecho da Ribeira

Catedral de Reims

A ARTE EM PERIGO

A guerra moderna, além das calamidades que uma guerra sempre trouxe à humanidade, desgraças tão variadas e tão grandes, traz ainda a irreparável perda dos tesouros de Arte que são a glória da humanidade, e, que são o mais rico tesouro dum país.

E que país há na velha Europa tão cheio de belezas, que nos legaram os que viveram antes de nós, que não tenha nas suas igrejas, nos seus monumentos, jóias dum valor sem igual porque são insubstituíveis como insubstituível é tudo o que é belo e desaparece

A aviação é a arma da destruição e se ela nos aterra pelo mal que faz às pobres criaturas humanas matando-as, envenenando-as e destruindo-lhes as suas moradias, não é menos para temer os estragos que causa nas obras de Arte que arrazam, deixando-nos a saudade da beleza arquitectural, que tende a desaparecer, porque não é a arquitectura moderna que substituirá nunca a arte gótica ou a da Renascença, com as suas linhas direitas a sua falta de graça, que poderá fazer casas muito cómodas e adaptadas à vida moderna. Igrejas que tenham o máximo confôrto, monumentos grandiosos até, edifícios enormes, mas nunca nos darão a beleza dum palácio de Shoeneubrum, nem a catedral de Colónia, a categral de Milão ou o palácio Dória Pamphili, a Cartucha de Pavia e tantas outras maravilhas, de que tôdas as cidades de Itália, da Alemanha, da França e da Inglaterra se orgulham.

Como nós nos orgulhamos do nosso rico e grande património artístico, que espalhado por todo o país, se encontra nas velhas e antigas cidades da província e até em portas e altares de capelinhas e igrejas, por aldeias e serras fóra, como a velha Igreja de Bravães, ou a capelinha da Senhora da Ourada à beira da estrada de Melgaço.

A França como todos os países tem inúmeras obras de Arte e das mais maravilhosas muito conhecidas no nosso país, por aqueles que viajam e que se sentem atraídos por êsse país, onde todos os viajantes se sentem bem, e, muito mais os portugueses, que em geral, falam francês. E quem é que nunca se sentiu atraído pela palavra mágica que é Paris?

Paris tem para todos atracções, para as senhoras a atracção da moda e das suas criações ideais, que nada póde egualar e que em parte nenhuma se imitam, embora alguns países tenham tentado lançar a moda nacional.

As suas lojas, cujas montras são só por si uma distracção para os olhos, embora se não compre o que elas exibem, montras que se podem classificar de verdadeira tentação.

Ali há de tudo e tudo elegante, belo, tentador. Não há mulher que não sinta prazer ao contemplar tanta maravilha, feita para a tornar mais bela, mais elegante e mais nova, se já chegou a êsse ponto da vida em que começa o desejo da juventude ou pelo menos de a aparentar.

Os que querem divertir-se encontram os melhores teatros, uma ópera célebre, pela sua beleza e pelos seus artistas, cinemas funcionando a tôda a hora com as maiores comodidades, com os mais modernos filmes, «dancings», «cabarets», «music-halls», tôda a série de distracções.

E para quem aprecia conferências, tem os melhores oradores em salas onde encontra a fina flôr da intelectualidade de todo o mundo.

Os apreciadores de Arte têm na Cidade Luz os mais deslumbrantes museus de que é rei o Museu do Louvre, rico de colecções egípcias, de escultura grega, de arte italiana e da preciosa arte francesa.

Rico em joelharia o museu tem colecções interessantíssimas.

O Museu de Chuny, o edificio que só por si é uma jóia e que tem as maiores maravilhas, em mobiliário, jóias, cerâmica, rendas e vestuário, o Museu Guimet, o Museu Jacquemart André o Museu Carnavalet e tantos outros que fariam uma interminável lista.

Mas além dêsses museus tem Paris os seus monumentos admiráveis. Os Inválidos, o Arco do Triunfo, as suas Igrejas e essa jóia maravilhosa de arquitectura gótica, que é Notre-Dame.

Numa manhã de Julho passado, uma dessas manhãs côr de pérola tão deliciosas em Paris, saí de casa na rua Bonaparte, essa rua de que tanto gosto no velho bairro da margem esquerda, e vim direita aos cais que segui.

Esses cais tão pitorescos, com as suas caixas onde se vendem alfarrábios, gravuras antigas, aguarelas e tantas coisas interessantes se encontram e deixando para traz a Praça S. Michel, surgiu aos meus olhos deslumbrante, atractiva: Notre-Dame, atravessei a ponte de Archeveché e encontrei-me no Parvis em frente da maravilhosa jóia de que meus olhos se não podiam afastar e de que tantas vezes tenho saudades.

Entrei e o meu espírito elevou-se para Deus, nessas naves de espiritual elevação e horas estive naquele ambiente de Arte embebida naquelas pedras magníficas, que pela sua beleza, são orações, e o tempo passou e enternecida me sentia perante tão grande e magestosa beleza, tão harmónica arquitectura tão elevada, em que sentimos ser ali o verdadeiro templo digno de Deus: e a sua casa.

A' saída chuviscava e mais bela estava a pedra molhada de que o meu olhar se não podia desprender.

E ao acaso segui nesse prazer que Paris mais do que nenhuma outra cidade dá, de ir só, ao acaso, «flanand» como os franceses dizem, e nessa manhã mais do que nunca senti, o encanto forte de Paris e a beleza incomparável de Notre-Dame.

E os parques e jardins de Paris com as suas belezas e os seus monumentos. Esse velho jardim de Luxemburgo tão lindo com os seus castanheiros verdejantes, com os seus canteiros de flôres, com o seu lago onde as crianças brincam com pequenos barquinhos

E em cima a alea das rainhas de França, estátuas magestosas, que nos contam a sua história, santas umas, perversas outras, felizes algumas e desgraçadas outras, seqüência de estátuas que representam vidas e essas vidas a vida da Nação.

E num recanto que o arvoredo torna sombrio essa maravilhosa Fonte Médicis duma soberba arquitectura, em que o mármore branco do corpo de Galateia evoca a beleza feminina que Acis admira extático, enquanto por cima da rocha os espreita o gigantesco Polyphemo, pronto a esmagar o seu rival. E agora que a ameaça da guerra pairava sôbre todos os espíritos, eu que tantas vezes tinha observado esta fonte debaixo do ponto de vista artístico, senti ao vê-la, que ela era um símbolo, a arte, a beleza, o amor, a vida, que o monstro da guerra espreitava para destruir, esmagando, queimando, arrazando tudo o que é belo tudo o que constitui o património dum país, a sua beleza que sem a maldade dos homens resistiria ao tempo, como séculos tem já resistido.

E agora que a guerra deixou de ser uma ameaça, para se tornar numa rialidade quem é que não estremece ao pensar nesses tesouros de Arte, que estão expostos à destruição.

Monumentos que nos deram emoções que nunca esquecem, porque nos vêm do que o espírito tem de mais elevado, tornam-nos queridas essas obras de Arte, e é dolorosissimo imaginá-las expostas, á fúria devastadora dum aviador brutal, que lhes lance em cima quilos de bombas.

E' triste a guerra; foi sempre um dos flagelos da humanidade, mas antigamente não era a destruïção sistemática de tudo Agora não há zonas de guerra, a aviação tornou tudo seu, e, as represálias exercem-se sôbre as cidades indefezas, sôbre as obras de Arte e se a guerra contínua Paris pode ter a sorte de Cracóvia a heróica cidade polaca, que chora as suas admiráveis maravilhas góticas e da Renascença, que a aviação impiedosa destruiu.

E os que virão atrás de nós não terão belezas a admirar, a amar, a sentir como nós as admirámos, as amámos e as sentimos.

E o mundo para as gerações futuras será um montão de ruinas.

MARIA DE EÇA

A Notre Dame vista de noite

GIBRALTAR

FORTALEZA BRITÂNICA

Como era a antiga fortaleza de Gibraltar

GIBRALTAR foi, desde sempre, um importante ponto estratégico.

Já no longínquo século VII, quando os árabes atravessaram o estreito para virem conquistar a Península, donde seriam definitiva e completamente expulsos só oito séculos depois, estabeleceram-se, como em natural fortificação, na série de penedias que dominavam as Colunas de Hércules e tomaram depois a designação de *Gedel-al-Tarik*, Rochedo de Tarik, do nome do general comandante dos novos invasores.

Abrigados pela defesa que se lhes deparava e fazendo de Gibraltar a base de operações, como se diria em técnica moderna, os adeptos do Crescente estenderam-se por tôda a Península Ibérica, enchendo de terror inaudito, porque os mouros eram dotados de uma grande crueldade, todos os que avistavam ao longe os turbantes brancos dos conquistadores.

E aí se conservaram os árabes até que os castelhanos de lá os conseguiram desalojar, em 1212, após a batalha de Navas de Tolosa.

A Espanha guardava, e muito bem, a sua preciosa conquista, baluarte que, regularmente defendido, se tornava inexpugnável e lhe dava a supremacia numa guerra no Mediterrâneo, de que assim conservava a chave.

Mas a Inglaterra, que ia formando o império colonial, muito extenso e espalhado por tôdas as partes do mundo, e que, ainda por cima, desejava, como único meio de conservá-lo e à sua influência, o domínio dos oceanos, não podia deixar de querer controlar tôdas as portas que dessem acesso aos diferentes mares. E — quem sabe? — talvez até já previsse a abertura do Canal de Suez, a gigantesca obra de Lesseps, e a importância que tal facto havia de ter.

O que é certo é que aproveitou a boa ocasião que se lhe oferecia para se assenhorear dos rochedos, que, atingindo 432 metros acima do nível do mar, medem cinco quilómetros de comprimento e um e meio de largura. Foi-lhe, aliás, relativamente fácil tomar a presa: a praça, semi-desmantelada, estava guarnecida apenas por 150 homens.

A Espanha é que, claro, se não conformou com facilidade a ser assim desapossada duma tão preponderante posição.

Três meses depois da conquista os castelhanos atacaram, por terra e por mar, a guarnição inglesa, que estava reforçada e que tinha fortificado o melhor possível a praça que a Grã-Bretanha não queria perder.

O ataque espanhol malogrou-se pois, e o mesmo sucedeu a um novo assalto intentado em 1705.

Assinado o tratado de Utrecht, que reconhecia a posse de Gibraltar à Inglaterra, parecia que a questão devia ficar arrumada.

Não foi porém assim, porque a Espanha não perdia o sentido da praça que ingloriamente deixara a rebatar.

Desbaratada novamente uma expedição que tentara cercar a cidade em 1727, o govêrno de Madrid ofereceu ao de Londres uma indemnização de dois milhões de libras para que abandonasse Gibraltar, o que foi recusado.

Por um novo acôrdo, celebrado em Sevilha, outra vez se reconheceram os direitos ingleses, o que não obstou a que ainda em 1779 novo ataque fôsse tentado, com resultados nulos, como os antecedentes.

Ora, há 38 anos, a Inglaterra sentiu se ameaçada em Gibraltar.

Pelo menos, a Imprensa britânica tocou a rebate, chamando a atenção do Govêrno para o perigo em que se encontrava essa fortaleza, considerada até ali inexpugnável. E, como se calcula, reclamou logo providências imediatas como o caso requeria.

Apareceram vários gráficos a demonstrar que tôdas as obras mandadas fazer pela Inglaterra em Gibraltar, à custa de muitos milhões e durante tantos anos, resultariam completamente inúteis no caso de rebentar uma guerra com a Espanha ou com um país que a Espanha auxiliasse.

Num dêsses gráficos — o que publicamos a título de curiosidade — estava marcado o ponto donde surgiria o perigo.

Do território espanhol, de Punta Gorda, por exemplo, poderiam ser feitos tiros que barrariam o pôrto interior de Gibraltar, não deixando passar os barcos.

Adoptadas as necessárias e urgentes providências como o caso requeria, o perigo desapareceu ... e Gibraltar continuou a erguer-se altaneiro e inexpugnável.

GASPAR DA CRUZ FILIPE

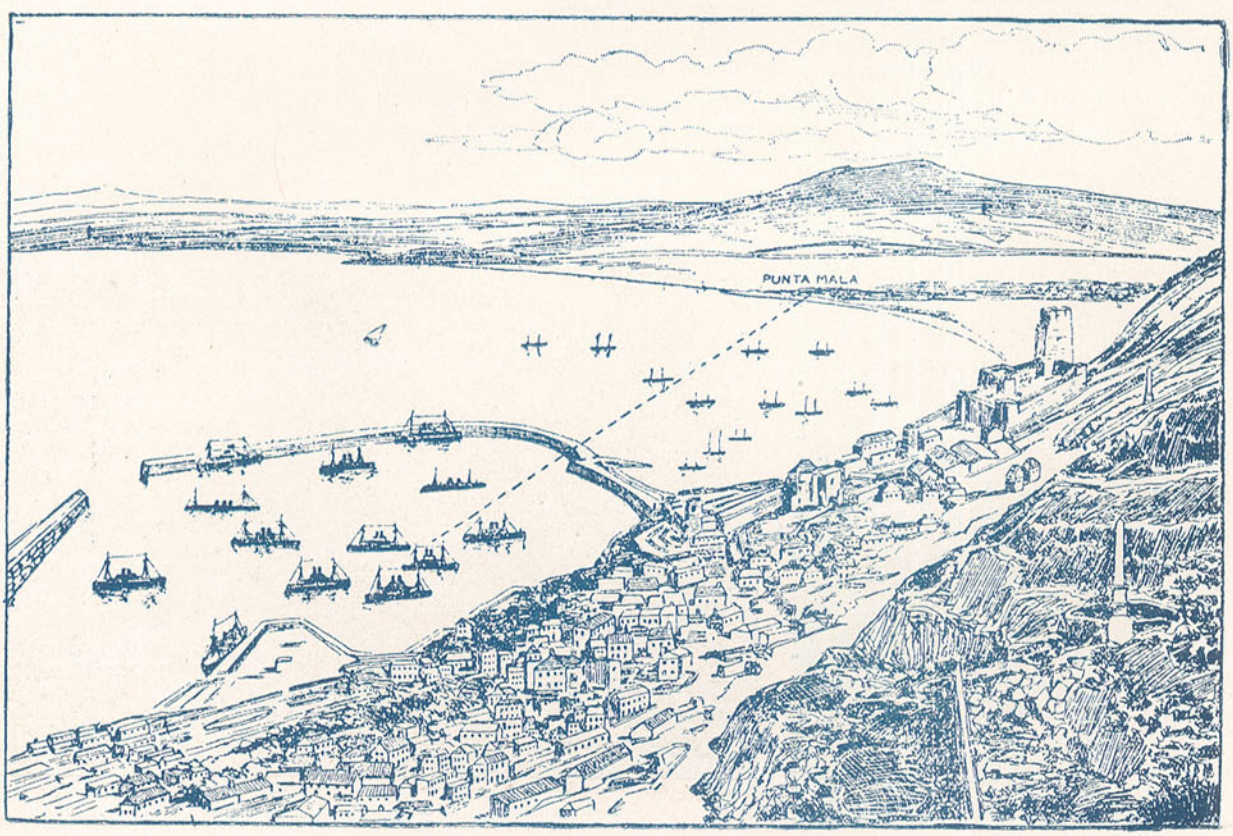


Gráfico de Gibraltar mostrando o perigo

OS PRESÉPIOS PORTUGUESES

Santo António — pertence ao extinto convento do Desagravo — Século XVII

O presépio de S. Vicente, que faz agora parte das colecções do Museu de Lisboa, está perfeito e intacto, devido possìvelmente às suas reduzidas dimensões, de todos quantos ali se expuseram. Fechado num armarete, limita-se a cêna da Adoração dos Pastores e dos Anjos, num estábulo improvisado na sombra dum templo de clássicas colunas e uma faixa de parede truncada. Como fundo tem duma banda um castelo, e da outra um típico moinho de asas abertas. Por falta de espaço para mais desenvolvida composição, nêle se não introduziram as costumadas cênas de romaria, nem tampouco as figuras dos Reis com a sua respectiva côrte a cavalo. Parece pobre, mas é de encanto. Para mais, todo modelado por uma só mão, á excepção de pequeninas coisas, torna-se documento valioso para identificações dos restantes dêste bloco. Partindo-se da obra assinada por Machado de Castro, que pertence á Sé de Lisboa, e passando em comparação com muitas das peças dos da Estrela e de Belas, facilimo é provar-se que êste de S. Vicente foi desenhado e esculpido pelo mestre geral deles todos. E como êste é de grande homogeneidade nas suas imagens, quer nas formas, quer nas côres, passa, portanto, a ser a melhor base para confrontos e deduções.

Muitas das suas figuras andam repetidas e dispersas pelos outros presépios. Um deles é o tocador de sanfona, que está reproduzido com particulares variantes na máscara, naquêle busto duma outra figura que o tempo mutilou, pertencente a um grande presépio que houve no mosteiro do Desagravo. Se não fôsse a referida diferença de expressão na máscara dêste, e o seu mais realista e vigoroso colorido, recearíamos atribuí-las a dois escultores, sôbre tudo pela semelhança de formas e jeitos no braço que segura o torniquete do instrumento, com a anatomia definida e escalpelada, assim como a mão de dedos ossudos, com modelados exactamente iguais até á minúcia. Uma e outra, contudo, são casos a examinar por entendidos.

* * *

No mosteiro do Desagravo existiram dois presépios, um enorme e outro de menores proporções, que comparadas as peças existentes com as figuras do de S. Vicente, se constata ter sido inventado por Machado de Castro também.

Túmulo de Frei Cristóvão de Cernache Leça do Bailio — escultura em barro do século XVI

No Museu das Janelas Verdes se conservam as poucas esculturas vivas dêsses dois presépios. De quanto nos resta no meio pequeno — Família Santa, alguns Anjos alados e outros músicos e orantes, alguns pastores isolados e parte da Glória — podemos asseverar êle ter sido concebido e executado por êste artista, pois que êstes barros são inteiramente característicos da sua obra, com coloridos iguais, espírito exacto, dôce de formas, lindo nos amaneirados com tendências para o naturalismo, com pormenores delicados nas extremidades das figuras e por fim, a novidade nos olhos de vidro, como outras imagens suas tiveram, no de S. Vicente e no de Belas, por exemplo, depois imitada por outros barristas e santeiros, como se nota nopresépio dos Marquêses de Borba.

A imagem da Virgem, então, é flagrante de caracter. Todas as que Machado de Castro modelou são a mesma com variantes apenas nas posições, que, mesmo assim, são muito aproximadas.

* * *

Êste grupo de cinco presépios, não contando com outros que ignoro, foi incontestàvelmente traçado, composto e em parte modelado pelo grande artista da estátua do Terreiro do Paço, e pelo imaginário da basílica da Estrêla, o qual muito antes de ir a Mafra, como barrista consagrado, ajudar o italiano Giusti, havia com seu pai Manuel Machado Teixeira, modelador e discípulo dum tal António Ferreira, de Braga, aprendido a arte de modelador, e se especializara no corte dos marmores com José de Almeida, rival de Giusti e como êste chegado há pouco de Itália.

Não podem subsistir dúvidas quanto a esta identificação em bloco, salvo no grande presépio do Desagravo, apesar das afinidades de forma comum em três ou quatro das suas figuras existentes. O da Sé, está assinado; o da Estrela e o de Belas têm por si documentos comprovativos; o de S. Vicente de Fora, reúne todas as provas plásticas da sua autoria; e o pequeno do Desagravo é em parte uma reprodução dalgumas peças daqueles. Para mais, temos os outros nove barros, de côr natural, avermelhada, pertencentes ao Museu das Janelas Verdes e que foram estudos para estátuas conhecidas da sua autoria, que ajudam a atestar como documentos vivos, tudo quanto acima se conjectura e afirma, embora hajam sido modelados de antemão com o fim de ampliação e execução em material mais rebelde, que exigira prevenção especial no compor e solidificar dos volumes. Qualquer escultor, por muito pouco prático que seja, sabe quanto deve obedecer a estas observâncias, para evitar desconcêrtos na realização futura e definitiva das suas estátuas. É esta a causa das diferenças de forma e de volume nos blocos mais frágeis, muito vulgarmente constatada, entre um modêlo em barro ou gêsso, e a obra final desbastada em pedra.

Êste grande presépio, que segundo etíquetas coladas nalgumas das suas figuras, pertenceu a qualquer colecção ou igreja de Carnide, donde transitou para o mosteiro do Sacramento e agora repousa no Museu das Janelas Verdes, é obra dum grande e ousado mestre, ignorado como tal, pois que o deixou anónimo e sem qualquer identificação na voz popular, sendo uma das mais típicas peças portuguesas. Como os restantes grandes presépios, foi executado por três ou quatro escultores distintos. Nenhum dêles, porém, tinha a capacidade técnica dos barristas já citados, e só numa ou noutra estatueta se descobre o cuidado de apuros no acabamento minucioso. No entanto, o artista que compoz os dois blocos de aldeões que ladeiam a cêna do Nascimento, era um sábio combinador de agrupamentos, audaz e espirituoso, sem que em nenhum outro presépio apareça quem o bata. Neste quadro as dimensões são quási iguais ás do da Madre de Deus; existe uma manifesta rivalidade com êste, mas com um sentido realista e popular mais franco, que o torna menos erudito, mas mais emocionante e mais português.

A nítida personalidade dêstes artistas, de singelos recursos na execução, ganha na expressão geral pelo quanto aumenta na ternura de cada grupo. Possue, como se fôsse uma réplica posterior de artistas menos consagrados, todas as particularidades de composição do da Madre de Deus; e como êle teve os seus barristas especializados nos grupos da Família Santa e Anjos músicos e g'orificadores, dos pastores em adoração e no gôso da festa, das cavalgadas vistosas e compostas dos Magos, e das figuras isoladas, arquitecturas, notas caricatas, etc., próprias de aprendizes de segunda plana. Sempre, todavia, conservam êstes grupos um simpático naturalismo e uma não menos louvável originalidade, que até no bloco da Família Sagrada e dos Anjos se traduz em sobriedade, a qual sem dúvida se repete num grupo pequeno de presépio, outróra pertencente a Alberto de Sousa, que é hoje propriedade do dr. João de Castro Osório, e que por certo é do mesmo autor.

Quem será o mestre dêste presépio e os seus colaboradores? Ignorámo-lo totalmente e nem por comparações com outros barros do nosso conhecimento, os podemos descobrir. Aguardemos a sorte do aparecimento de qualquer arquivo ainda não descoberto, que nos ilucide êste e muitos outros mistérios sôbre os barristas portugueses. Quem os estudar um dia deve sobretudo analizar-lhe as formas e os jeitos de composição, visto a variedade dos colaboradores por vezes alterarem, não só o pitoresco dos grupos, mas também as côres com que encarnam as figuras, pintam os torrões e as vestimentas, alegrando ou escurecendo o aspecto geral dos quadros. Êste do Sacramento é sombrio e pouco valorisado de tom, salvo no grupo central da Glória, onde os ouros velhos e as carnes morenas se harmonisam com discretos toques de luz, que jogam bem com os escuros das estamenhas e panos humildes das personagens ao redor. As massas sólidas das cavalarias são notáveis de movimento, e atestam valorosa sabedoria no artista que as modelou. É também remarcável o grupo onde aparece a mulher de touca branca, á Greuze, amamentando um filho e sustentando outro às cavalitas, que igualmente existe como motivo forçado, nos persépios de S. Vicente e dos Marquêses de Belas. Alguns pastores do primeiro plano, são peças de arte realista muito expressivas e perfeitas.

Esculturas em barro, por Cunha de Eça, Leal Garcia, Nicolau Possolo e José Joaquim Leitão

Esculturas em barro, por Alexandre Gomes, Leal Garcia, Machado de Castro e Nicolau Vilela

Escultura em barro policromado, do século XVIII — Autor desconhecido

DIOGO DE MACEDO

ASPECTOS DA GUERRA E AS SUAS SURPRESAS

Um colossal carro de assalto francês derribando todos os obstáculos

A nova visita de Ribbentrop a Moscovo levantou a suspeita de que o objectivo seria a próxima assinatura de um pacto militar germano-soviético.

Deve ter-se em conta que entre a Alemanha e a Rússia não tinham sido elaborados, de comum acôrdo, os necessários planos para uma acção conjunta, não só na Polónia, como na Europa Oriental e nos Balcans. Mais se verificou que não havia sido firmado qualquer acôrdo definitivo para uma acção comum contra as potências ocidentais.

Quando, um dia, fôrem publicados os documentos referentes às negociações anglo-soviéticos que se arrastaram desde Março até Agosto, e os cotejarem com os que reproduzam as conversações entre Schulenburg e Molotov que precederam a assinatura do acôrdo entre a Alemanha e a Rússia, o Mundo conhecerá então tôda a verdade.

Fôssem quais fôssem as concessões recíprocas estabelecidas no acôrdo germano-russo, o que se está vendo é que os sovietes reservaram para si uma liberdade de movimentos que está a produzir os seus frutos.

Pensou-se a princípio que a Alemanha e a Rússia teriam chegado a um entendimento quanto à partilha da Polónia, mas os factos vieram demonstrar o contrário. Já depois de iniciada a ocupação do território polaco pelas tropas soviéticas, as autoridades militares, tanto da Rússia como da Alemanha, apenas puderam assentar numa linha de demarcação que evitasse os atritos e as complicações resultantes do encontro inesperado de tropas que, durante largos anos, viveram em frança oposição — e isso independentemente da delimitação futura das fronteiras polacas.

Entretanto, supõe-se que Hitler, conseguido o seu objectivo, fará propostas de paz que se resumiriam no seguinte: «reconhecimento de um Estado polaco reduzido; dominação germano-soviética no sudoeste da Europa, e redistribuïção das colónias».

Calculam os observadores diplomáticos que «estas condições seriam acompanhadas por garantias de não-agressão».

Como seria de calcular, uma tal proposta não seria aceita nem pela Inglaterra nem pela França que já estabeleceram o seu plano de não depôr armas enquanto não chegar a hora da vitória final.

Em bôa verdade, o orçamento de guerra britânico veiu confirmar que a Inglaterra está preparada para prosseguir na guerra tenha ela a duração que tiver.

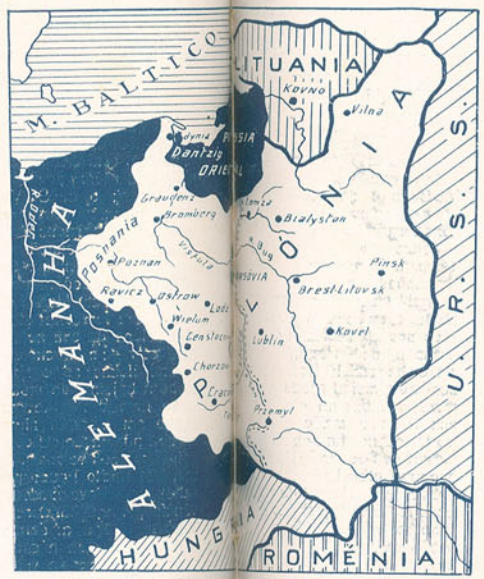
E isto, francamente, não devia figurar nos cálculos alemães que visionavam uma guerra o mais rápida possível.

Justificando a sua conduta, a Alemanha publicou o seu Livro Branco em que foi alterado um telegrama da Havas.

Os pormenores são os seguintes:

«O govêrno francês, assim como outros governos interessados, foi abordado, duas vezes, pelo govêrno italiano àcêrca do projecto duma conferência destinada a regulamentar o conflito polaco-alemão: a primeira vez em 30 de Agosto, a segunda a 2 de Setembro. A 31 de Agosto, o govêrno francês, de acôrdo com o govêrno britânico, decidiu dar resposta positiva. A 2 de Setembro, tendo as tropas alemãs penetrado, havia 36 horas, em território polaco, e não podendo, por conseguinte, negar-se a agressão germânica, semelhante conferência não podia ser tomada em consideração, a menos que o govêrno alemão retirasse, prèviamente, as tropas do território invadido.

A cavalaria polaca em acção



Foi isto que se declarou, imediatamente, ao govêrno italiano. O telegrama da Havas, que o govêrno alemão publicou, referia-se à primeira proposta italiana. Expedida na noite de 1/2 de Setembro anunciava que o govêrno francês tomára em conta ontem (seja 31 de Agosto) a iniciativa do govêrno italiano e que lhe dera resposta positiva.

O jornal «Le Temps», no seu número de sábado, 2 de Setembro, sublinhava claramente que a referida diligência fôra efectuada na quinta-feira, ou seja a 31 de Agosto.

No texto publicado no seu Livro Branco o govêrno alemão, não hesitou, porém, em suprimir a palavra «ontem», que figurava no texto original do telegrama, a-fim de insinuar que a resposta francesa a que êle se referia, dizia respeito não à primeira diligência italiana de 31 de Agosto mas sim à segunda de 2 de Setembro efectuada depois de 15 horas de 2 de Setembro. Esta omissão e apresentação constituem verdadeira falsificação destinada a ludibriar a opinião pública alemã e estrangeira quanto à data, objectivo e alcance da «resposta positiva francesa» e a deixar supôr que, mesmo depois da entrada das tropas alemãs na Polónia, a França mostrava-se, incondicionalmente, favorável a um projecto de conferência que a Grã-Bretanha, pelo contrário, teria declinado».

Todos se recordam da declaração que Chamberlain fez na Câmara dos Comuns no dia 1 de Setembro, salientando que «as propostas do Reich nunca fôram por êle comunicadas à Polónia».

Declarou ainda que «o Embaixador britânico propôs a Ribbentrop que as transmitisse ao Govêrno britânico. Ribbentrop nos têrmos mais violentos declarou que não voltaria a pedir ao Embaixador que o visitasse.

Ribbentrop leu as propostas a Henderson com grande rapidez e em alemão, recusando-se a dar-lhe cópia em inglês, sob pretexto de que já era tarde demais visto que não fôra enviado nenhum plenipotenciario polaco.

«Nunca recebemos cópia dessas propostas. Ouvimos falar delas pela primeira vez ontem à noite pela ràdio alemã. É claro que, segundo o conceito germânico sôbre negociações, assentes em exigências quási instantaneas, o plenipotenciario da Polónia devia ir a Berlim — onde outros tinham ido antes dêle — e uma vez ali receberia um documento contendo exigências que deviam ser aceitas na sua totalidade. Na nossa opinião teria sido conveniente submeter de antemão essas propostas à Polónia que teria tido tempo de as estudar e dizer se comprometiam os interesses vitais que a Alemanha anteriormente nos tinha dito que tencionava respeitar.

Chamberlain acrescentou que o Embaixador polaco informara Ribbentrop de que a Polónia estava pronta a negociar na base da igualdade. A resposta foi a passagem das tropas alemãs na fronteira ao alvorecer e, segundo se informou depois, o bombardeamento de cidades abertas. Nestas circunstancias há só um caminho a seguir».

Foi assim que a Inglaterra orientou a sua acção.

Que conseguirá Ribbentrop em Moscovo? Tudo parece indicar que a tactica de Moscovo consiste em apresentar não apenas os interesses e os pontos de vista da Rússia, mas os interesses e os pontos de vista de uma coligação em esboço, a qual se estende do Baltico ao Danubio.

Que surpresas reservará a Rússia aos seus «amigos» e inimigos?

Uma coisa se apurou já no discurso de Churchill: «Cabia a Hitler dizer quando a guerra começaria, mas já não lhe compete dizer quando ela terminará».

Ainda assim, parece que as propostas de paz apresentadas pela Alemanha se basearíam em «um Estado-tampão com capital em Varsóvia e uma conferência de cinco potências para discutir os problemas europeus».

Que se seguirá?

Um tank francês com o seu disfarce de rama de árvores

Um dos modernos carros de assalto franceses levando tudo na sua frente

As janelas iluminadas são quadros de fogo onde perpassam silhuetas gentis. Um par vem silenciosamente, encostar-se á balaustrada. Quem os não advinharia enamorados, no brando carinho com que êle a está olhando e no suave abandono com que ela se lhe apoia ao braço? Quem não lhes adivinharia na alma o retalho de ceu que ás vezes Deus concede ás criaturas?

Há um fluido de ternura que envolve os namorados e espalha em sua volta um halo radiante.

Era ele D. Joaquim Tomaz, o filho único do Consul e, êle proprio, apesar dos seus escassos dezoito anos, oficial ás ordens do general Holstein, e ela, moça e fidalga devia ser tambem — diziam-no a graça airosissima do seu porte e a nevada brancura das mãos esguias. O oficial desapareceu, mas a jovem continuou encostada agitando, de espaço a espaço, um pequeno leque, ora abanando-se nervosamente, ora apertando-o contra o peito, numa ânsia febril, reveladora.

Voltou êle em breve; e não tardaram em desaparecer de novo, regressando talvez ao turbilhão da dança.

Momentos depois, uma porta se abriu misteriosamente e duas sombras se desenharam na luz confusa da noite. Desceram, ligeiros uma escada estreita, disfarçada num dos ângulos do edifício, e alcançaram correndo o portão do jardim, sumindo-se, apressados na escuridão da rua. Eram eles ainda. Combinada a fuga, cujo motivo foi segrêdo que nunca revelaram, ei-los a caminho do amor e da aventura. Ela, apanhando no delicado braço a longa cauda que lhe embaraça os movimentos; êle sobraçando o cofre que encerra as suas joias e o dinheiro que reputa necessário para o custeio de futuras despesas. Caminham em direção do cais.

Uma barca de pesca ali os espera, acolhedora. A jovem cinge melhor ainda a cauda importuna, enquanto os seus pésitos calçados de setim, tateiam hesitantes a velha escada que os conduz ao interior do barco, onde há um cheiro a peixe e alcatrão, que lhe causa agonia. E, desfraldada a vela, é a brisa protectora da primavera que os leva ao Algarve, a terra florida das brancas amendoeiras. Depois, por largo tempo ainda, para eles continua a peregrinação aflita. Quási percorrem o Algarve inteiro: Sines, Messines, S. Brás de Alportel...

E em cada nova terra que aportam, mal têm tempo de trocar um beijo apaixonado e de reviver as emoções desses dias, em que baldões de diligências e embates de frágeis bateis, lhes devem ter parecido, doirados pelo amor que os transporta, mais suaves que tôdas as fôfas comodidades de bergantins e liteiras. Apenas instalados em hoteis ou pousadas humildes, logo uma voz, amiga segreda ao ouvido do pobre enamorado: — Foge, D. Joaquim, que há ordem de El-Rei para te prender!

E êles lá vão de mãos dadas, arrastando o calvário luminoso do seu grande e malfadado amor... Um dia emfim, ou antes, uma noite, a graça de Deus tocou a fronte do par infortunado. Foi em Loulé; cheios de inquietação e ansiedade, tinham ido bater á porta de Frei Maldonado, varão bondoso que muitos anos fôra capelão dos Condes da Anadia. De joelhos lhe suplicam que os case para

O «Remexido»

Poisado sôbre a velha cómoda de pau santo está um leque antigo, pequeno retalho de sêda polvilhado de oiro, branco e lucilante como petala orvalhada ou asa de pomba prestes a desferir o vôo. Protege-o uma pequena redoma. Ao alto, sôbre uma peanha, um Menino Jesus ingénuo estende-nos, sorrindo, um ramito de flôres, na sua mãosita papuda e rosada.

Em volta há retratos dos mortos, manchas fixando sombras desaparecidas... e santos, santos protectores familiares.

É ali que a velha senhora resa e relembra...

É tudo motivo de recordações. Do leque contou-me ela a história, num daqueles serões de inverno, em que apetece ouvir narrativas de amor, contos de fadas...

*

Foi numa noite de primavera, por meados a 1826. Floriam nos jardins os goivos e as acácias, perfumando o ar, e embriagando as almas. Já teriam soado as quatro horas, mas dançava-se ainda animadamente no palacete onde habitava D. Joaquim de Mendoça Pessanha, senhor de grande bens e nobreza, que muitos anos fôra Consul Geral em Cádiz de onde trouxera como espôsa a mais linda e delicada flor, D. Maria Francisca, dama de honor da rainha D. Maria Luísa de Bourbon.

POEIRAS DE UM SÉCULO

Amor, engano que na campa finda...

Como o feroz guerrilheiro "Remexido" sabia ser grato

que um laço forte e sagrado os venha unir perante Deus e os homens. E o frade, comovido, acede e os abençôa. Sorriem, finalmente triunfantes. Já nada pode agora separá-los! Nem mando de El-Rei, nem malquerenças de famílias. Que só por grandes odios e malquerença se concebe que dois entes de igual nobreza e riqueza se arrisquem a sofrer tamanhas provações. Libertos enfim, prepararam-se para gozar num lar aconchegado, as primícias do seu grande amor.

*

Já outras primaveras se passaram, e muitas vezes refloriram as amendoeiras. Isabel Adelaide, Maria Francisca e Catarina são a trindade graciosa que lhes concedeu o ceu. Contas formosas dum rosário de amor. Benção divina de uma afeição puríssima.

Mas ódios e ambições, como onda tormentosa, perturbam e invadem os corações dos homens... liberais e miguelistas — a guerra fratricida!... Por ordem de D. Manuel Raimundo Côrte-Real, capitão-mór de Silves, vem prender êste marido e pai venturoso que a despeito das alegrias do seu lar, se deixára seduzir pela política.

Procuraram-no alguns dos homens da famosa guerrilha, cujo chefe, o Remexido, era um extranho mixto de generosidade e fereza. D. Joaquim Tomaz não está; e é a esposa quem, altivamente, recebe e repele os emissários. Á pregunta que lhe fazem ácêrca do seu paradeiro, responde agressiva:

— Não sei; e que soubesse?! Não o diria nunca!

— Pois então vais morrer! — gritam-lhe, raivosos, os homens a quem alucina vertigem sangrenta...

Vendam-lhe os olhos, e empurram-na com fúria, insensíveis ao choro das meninas.

Depois do ódio a cubiça... É a guerra!... E começam o saque. É então que Catarina — a mais novita das três — se senta num pequeno baú com embutidos e lhes diz imperiosa:

— Não; êste não levam; porque a minha mamã sempre me disse que êste baú e os lenços da Índia que tem dentro eram para mim, quando fôsse crescida.

E, perante a intimativa inocente da criança, recuam interditos os bando'eiros...

Já na praça, trémula, aniquilada, D. Maria do Carmo vai morrer!... Estala-lhe o peito a dôr cruciante, evocando o marido e as filhinhas. Um segundo apenas, talvez, antes que pare para sempre o coração que tanto soube amar... Mas uma voz sôa violenta de mistura com o estrupido do galope impetuoso dum cavalo:

— Parem! — diz —

E rôto, hirsuto, enlameado, o recemchegado estaca e apeia-se. É o chefe — o Remexido.

— Tirem-lhe a venda! — grita de novo.

E, ao ver a face pálida e formosa, tem uma visagem de indignado espanto.

— Miseráveis! — brada furioso. Quem lhes deu o atrevimento de tratar assim a minha comadre?...

E dirigindo-se humilde á pobre senhora quási desfalecida, beija-lhe a mão, e brandamente implora que perdôe. Ele próprio a leva pelo seu braço, num cuidado terno, para junto das filhinhas. É que fôra ela a madrinha dum filho seu, e, além de madrinha, a protectora carinhosa da família do guerrilheiro. Assim se salvou D. Maria do Carmo. Diz-se que nunca um grande amor consegue felicidade duradoura sôbre a terra; a êste amor firme e corajoso o mesmo acon'eceu. Poucos anos mais tarde se finou a pobre enamorada, ainda jovem e formosa, vítima do tremendo abalo que sofrera e que para sempre lhe arruinou o coração.

E — extranho capricho do destino ou desígnios seus, cujo alcance foge a nossa curta percepção de humanos! — tempos mais tarde, Izabel Adelaide, uma das filhas de D. Joaquim Tomaz, unia-se, num casamento de ardente paixão, com um filho daquele capitão-mór de Silves, de quem dimanára a ordem que, inconscientemente, abreviára a existência da misteriosa apaixonada de outrora.

É a filha mais velha deste outro casal, a neta querida de D. Joaquim Tomaz — quem me conta a história destes amores infelizes..

Ergue-se; e a sua mão aristocrática de marfim antigo, aflora a redoma, numa carícia breve.

— Foi numa noite de baile — um lindo baile, com «toilettes» preciosas — que o avô me deu êste leque, dizendo:

— Guarda-o bem porque, dou-t'o, faço-te maior presente do que se te entregasse a minha fortuna.

É que êle lhe recordava a noite em que, vestida de gaze e toucada de flores, a bem amada, fugira nos seus braços e ambos tinham ido, embalados pelas ondas, impelidos pelo vento, em demanda da terra perfumada, cantando a linda canção do sonho...

Ninguém pensou nunca em saber ao certo a que família pertencera a jovem fugitiva. Frei Maldonado morreu em breve, e D. Joaquim guardou sempre, a êsse respeito, um inexplicável mutismo.

D. Maria do Carmo ficará pois sendo, para sempre, uma poética e lendária figura.

Mas, quando da morte do conde de Barbacena, afirma-se que êste titular deixára a sua imensa fortuna ás suas duas sobrinhas: Olinda, que com êle sempre vivêra, e Maria do Carmo, muitos anos antes, misteriosamente desaparecidas.

«Amor, engano que na campa finda» — como disse o poeta que morreu na flôr da idade, sem nunca ter amado, segunda é fama... Talvez por isso mesmo soubesse traduzir melhor êsse «fogo que arde sem se ver».

Aquêles que amaram e sofreram, se não tiveram a felicidade de descer com o seu «dôce engano» à sepultura, quantas desilusões os esperam!

Como a vida é mesquinha e cheia de paradoxos!

Há tantos centos de anos que milhares de poetas, gastando milhões de páginas, não conseguiram completar ainda a epopeia do amor que, no fim de contas, pode caber no espaço exíguo das varetas dum leque...

ESTHER CÔRTE-REAL.

O Passeio Público

A fonte de Neptuno em Dantzig, ostentando as armas polacas

A CIDADE LIVRE DE DANTZIG

foi sempre eslava e não alemã

DANTZIG, afinal, não é de origem alemã. Se outras provas não existissem, bastaria uma carta do plano da Cidade Livre, publicada em princípios do século XVIII na Alemanha. É rodeada por uma legenda em alemão, falando de Dantzig como sendo a cidade principal da Prússia real polaca. Repare-se ainda que o nome da Prússia, nesta época, tinha uma significação eslava e não alemã.

Diz a legenda:

«Esta rica cidade, que ainda há pouco era uma cidade livre do Reich, está colocada sob a protecção da Polónia, e desfruta, sob a sua autoridade, tôda a liberdade desejada. Depois da primeira divisão da Polónia, em 1712, a Prússia de Frederico II apodera-se do «corredor» actual, mas sem Dantzig. Dando-es a segunda divisão em 1793, a população dantzigota opôs-se, com armas na mão, à entrada dos prussianos, que foram expulsos em 1807 pelos franceses, voltando quando se deu a queda da Napoleão».

Entrando mais profundamente na História, verifica-se que, no ano 1000 esta cidade era eslava e assim se conservou até fins do século XIII. Tenha-se também em conta que até o século XII eram ainda os bárbaros eslavos e os finlandeses — os *Pruszi* — os únicos habitantes do território chamado hoje Prússia oriental.

Em 1308 os cavaleiros teutónicos tomaram Dantzig, massacrando, nesta ocasião, mais de dez mil dantzigotas.

Em 1320 e em 1339, o rei polaco Ladislau, o Breve, levou o conflito junto do Pontífice, que se pronunciou a favor da tese polaca. No entanto, os piedosos guerreiros teutónicos não se resolveram dar a menor importância à decisão do chefe dessa mesma Igreja em nome da qual êles erguiam o gládio.

Algum tempo mais tarde encontraram o meio de levar o Papa a mudar de opinião.

Quando os polacos, os checos e os lituanos, coligados, esmagaram os teutónicos em 1409, entre Grunwald e Tannenberg, os conselheiros municipais de Dantzig, com o seu burgumestre à frente, apresentaram-se ao soberano polaco, afim de lhe render homenagem. Não foi só desta vez que os dantzigotas fizeram esforços para se libertar dos seus tiranos alemães. Várias vezes o mostraram eloqüentemente. Em 1454, os cidadãos de Dantzig, torturados pela tirania e rapacidade dos teutões, imitaram o gesto de outras cidades e senhorios da Prússia, voltando as costas ao germanismo e colocando-se expontâneamente sob a suserania de Casimiro IV, rei da Polónia. Dantzig teve artes, no entanto, de manter uma autonomia, embora restricta, e conservar o seu lugar na liga hanseática. Fêz o possível por se conduzir numa política muito particularista, esforçando-se, tanto quanto possível, para se fazer esquecer, numa cómoda situação de neutralidade.

Em 1466, quando do tratado de Thorn, o grão-mestre teutónico curvou-se ante o rei da Polónia. Em 1525, o último grão-mestre Alberto de Hohenzollern-Brandeburgo, atraiçoando indignamente os seus, fêz-se proclamar duque da Prússia, a título hereditário, sob a suserania da Polónia. Foi com a criação dêste ducado, destinado a tornar-se o reino da Prússia, que surgiu a Europa moderna.

Só depois de 1878 é que Dantzig se tornou a capital da Prússia ocidental e um dos centros mais importantes do militarismo prussiano....

Um facto que se tornou notório em todo o Mundo foi a demolição de todos os vestígios polacos em Dantzig após a ocupação pelas tropas germânicas.

E foi pena porque alguns representavam autênticas obras de arte consagradas por muitos séculos.

O que o tempo não destruiu foi agora destruído pelas ambições humanas...

Dantzig — cidade principal da Prússia real — polaca, segundo uma carta alemã publicada nos princípios do século XVIII

VIDA ELEGANTE

Festa de Caridade

JANTAR À AMERICANA

Efectuou-se na noite de quarta-feira 15 do passado mês de Setembro, no salão do restaurante do Casino Estoril, gentilmente cedido pela direcção, uma festa de caridade, a favor do fundo de assistência social do 10.º Batalhão da Legião Portuguesa, com sede em Cascais, constando de «jantar à americana» seguido de baile, abrilhantado pela exímia orquestra Almeida Cruz, privativa do Casino Estoril.

Nessa noite o salão do restaurante, oferecia um aspecto verdadeira encantado, vendo-se as mesas artisticamente ornamentadas com flôres e bandeiras Nacional e da Legião.

Em redor das pequenas mesas notavam-se entre outras as seguintes senhoras:

Senhora de D. Nicolau Franco, marquesa de Faial, condessa da Póvoa, condessa de Carnide, condessa de Castro Marim, condessa de Castro, condessa das Alcaçovas D. Maria), condessa de Penalva d'Alva, condessa de Mozer, viscondessa de Tramegal, viscondessa da Côrte, viscondessa de Almeida Garrett, viscondessa de Taveira, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrelo, D. Leonor Pinto Leite de Melo Breyner, D. Maria Ana de Matos Fernandes Franco de Sousa e filha, D. Alice de Sousa e Melo, senhora de Viana do Alentejo, D. Izabel Ortigão Burnay de Almeida Belo, D. Maria do Carmo Soares de Albergaria Burnay, D. Maria Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha, D. Alda Guedes Pinto Machado e filhas, D. Eliza da Câmara Leme de Serpa Pimentel e filha, D. Ludovina Soares de Albergaria Diniz, D. Maria Cahen Espírito Santo Silva, D. Maria João da Câmara Bianchi, D. Maria Francisca da Câmara Pinto Basto, D. Ana da Câmara Ribeiro Ferreira, D. Carmen Morales de los Rios de Castro e filha, D. Albina Cordeiro Rebelo, D. Catarina Cordeiro, D. Maria Pinheiro Malheiro Reimão e filha, D. Maria Luiza Ribeiro da Silva Infante da Câmara, D. Maria Adelaide Castro Pereira Balsemão, D. Maria Perez Quezada de Lencastre Freitas, D. Maria Eugénia Corrêa de Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Baltazar Pinto Balsemão, D. Maria Vecchi Pinto Coelho de Vilhena, senhora de Vieira da Fonseca, D. Maria Carlota Sommer Pereira Salgado, D. Alice de Lacerda Ribeiro da Cunha, senhora de Lucena, D. Noémia Monteiro Côrte Real, D. Fernanda de Sébes, D. Maria Amélia de Castro, D. Maria de Nazaré Gorjão Henriques de Lencastre Freitas, D. Maria Tereza Burnay de Lencastre, senhora de Magalhães e Menezes Vilar, D. Maria Cândida de Magalhães Corrêa da Silva, D. Izabel Maria Roque de Pinho Pinto Basto, senhora do dr. João de Ornelas, D. Maria Tereza Valejo Marques Soares Mendes, D. Clara de Castro e Sola Soares Mendes, D. Vana da Fonseca, D. Maria da Conceição de Melo Breyner Cabral, D. Helena de Faria Ressano Garcia. D. Emília Pancada Prado e irmã, D. Maria Tereza Pressler Gomes Lino, D. Maria Carolina Gomes Palma, D. Maria Izabel Nunes de Almeida, D. Helena Abecassis, D. Maria Eugénia Reynaldo de Sousa Torres da Silva Tarouca, D. Maria Pinheiro de Melo de Arruela, D. Maria Luiza de Matos Fernandes de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

Casamentos

Celebrou-se na capela particular do Palácio do Patriarcado, ao Campo dos Mártires da Pátria, com a maior intimidade, o casamento da sr.ª D. Maria Teresa Carneiro Bordalo Pinheiro, gentilíssima filha da sr.ª D. Elisa Carneiro Bordalo Pinheiro e do sr. Pedro Bordalo Pinheiro, membro do conselho de administração da «Renascença Gráfica», proprietária do nosso colega «Diário de Lisboa», com o sr. Dr. Guilherme Pavão Pereira da Rosa membro do conselho de administração da «Sociedade Nacional de Tipografia», filho mais velho da sr.ª D. Angelica Pavão Pereira da Rosa e do sr. João Pereira da Rosa, ilustre director do nosso colega «O Século», tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Presidiu ao acto Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução. O senhor Cardeal Patriarca foi acolitado durante a cerimónia pelo Monsenhor Dr. Pereira dos Reis, reitor do Seminário dos Olivais e pelo seu secretário particular reverendo José da Piedade Garcias. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à rua Almeida Brandão, um finíssimo lanche.

Os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, partiram para o norte do país, onde foram passar a lua de mel.

— Na paroquial de Nossa Senhora de Fátima, à Avenida de Berne, celebrou-se presidido pelo prior da freguezia reverendo Dr. Santos Canastreiro, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Odete Ribeiro de Lá Cruz Quezada, interessante filha da sr.ª D. Fernanda Ribeiro e do sr. Luiz da Lá Cruz Quezada, com o distinto médico-cirurgião sr. Dr. Rui Van-Zeller, filho da sr.ª D. Maria Clara de Saldanha da Gama Van-Zeller e do coronel de cavalaria sr. Alexandre Van-Zeller.

Foram madrinhas a mãi da noiva e a tia do noivo sr.ª D. Maria Luiza de Saldanha da Gama Alcobia e padrinhos os sr.s Dr. José Pimenta, tio materno da noiva e Fernando Van-Zeller, primo do noivo, fazendo-se este último representar pelo também primo do noivo sr. Visconde de Santarém.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da mãi da noiva, um finíssimo lanche.

Os noivos que receberam grande número de valiosas e artísticas prendas, partiram em digressão pelo país, onde foram passar a lua de mel.

— Presidido pelo reverendo José Barroso, amigo íntimo da família da noiva, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paroquial dos Anjos, o casamento da sr.ª D. Maria dos Anjos Barata Galvão, gentil filha da sr.ª D. Amália Barata Galvão e do coronel de engenharia sr. João Alexandre Lopes Galvão, com o sr. Dr. José da Costa Proença, filho da sr.ª D Brigida da Costa Proença e do distinto clínico sr. Dr. José Baleiras Proença; já falecido.

Serviram de madrinhas a sr.ª D. Maria José Silva Monteiro, que se fez representar por procuração e a mãi do noivo e de padrinhos os sr.s Comendador Pereira Ponteiro e Luiz da Costa Proença, irmão do noivo. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Ajustou-se oficialmente no Pôrto, o casamento da sr.ª D. Maria Pereira Lopes Moreira, com o sr. Herculano de Figueiredo, sendo o pedido feito pelo sr. Jacinto Rodrigues Pereira Cardoso. A cerimónia deverá realizar-se ainda este ano.

— Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Izabel de Lima Rosa Corte Real, interessante filha da sr.ª D. Maria de Aires de Lima Rosa Corte Real e do sr. António Homem da Cunha Corte Real, com o sr. José Galhardo Ferreira, distinto tenente de engenharia, filho da sr.ª D. Carolina de Lima Galhardo Ferreira, e do sr. António Ferreira.

Foram madrinhas as sras. D. Maria da Conceição Corte Real Mancelas e D. Maria da Conceição Galhardo Ferreira e de padrinhos os srs. António Coelho de Sampaio e o tenente da armada Tomaz Centeno. Presidiu ao acto o prior da freguezia reverendo António de Oliveira Reis, que no fim da missa prenunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche.

Os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, partiram para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

— Em Mezão Frio na Quinta das Fontainhas, foi pedida em casamento pelo sr. dr Nogueira da Costa, distinto notário em Baião, para seu filho Amadeu, distinto assistente da Faculdade de Medicina de Coimbra e médico interno do Hospital da Universidade, a sr.ª D. Maria de Lourdes Guedes de Sequeira, gentil filha da sr.ª D. Irene Guedes de Sequeira e do sr. João Rodrigues Sequeira, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Na paroquial de Nossa Senhora da Fátima, à Avenida de Berne, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Luiza Esmeralda Ramos Costa, interessante filha da sr.ª D. Virgínia da Conceição Ramos Costa e do sr. João Anacleto Jorge da Costa, já falecido, com o sr. José dos Santos Esteves, filho da sr.ª D. Maria Marques Esteves e do sr. António dos Santos Esteves, tendo servido de madrinhas as sras. D. Sára Ramos da Costa Gonçalves e D. Alda Cardoso Ramos da Costa e de padrinhos os srs. Fernando Maria Ramos da Costa e Arnaldo José Gonçalves. Presidiu ao acto o prior da freguezia reverendo dr. Santos Canastreiro, que no fim da missa prenunciou uma brilhante alucução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência do irmão da noiva, um finíssimo lanche.

Os noivos que receberam grande número de artísticas prendas, seguiram para S. Martinho do Pôrto, onde foram passar a lua de mel.

— Para seu filho Artur, funcionário do Banco Inglês, foi pedida em casamento, pelo sr. Agostinho Lourenço, inspector da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, a sr.ª dr.ª D. Zélia Gaspar Marques, filha da sr.ª D. Emília Gaspar Marques e do sr. António Marques, já falecido. A cerimónia deve realizar-se brevemente.

A sr.ª D. Maria Tereza Carneiro Bordalo Pinheiro e o sr. dr. Guilherme Pavão Pereira da Rosa, por ocasião do seu casamento, celebrado na capela particular do Palácio do Patriarcado, ao Campo dos Mártires da Pátria

(Foto *Horácio Novais*).

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, no Pôrto, a sr.ª D. Francisca Rosa de Antas Bacelar e Barbosa Pessoa Marques, esposa do sr. Avelino Pessoa Ferreira Marques. Mãi e filho estão de perfeita saúde.

— A sr.ª D. Carlota Alice Grilo de Lima Botelho e Oliveira Leite, esposa do sr. Manuel Eleutério de Valadares Botelho e Oliveira Leite (Mourigo), teve o seu bom sucesso. Mãi e filho estão felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Ilda Garcez Maggioli Novais, esposa do reporter fotográfico sr. Horácio Novais. Mãi e filho encontram-se de perfeita saúde.

Baptizados

Celebrou-se na paroquial de Nossa Senhora de Fátima, à Avenida de Berne, o baptizado da menina Maria Sofia, gentil filhinha da sr.ª D. Maria Helena Patrício Lino Neto e do sr. Dr. Joaquim Maria de Mendonça Lino Neto, servindo de madrinha sua avó materna a sr.ª D. Maria Perpétua Vidal Patrício e de padrinho seu avô paterno o ilustre professor sr. Dr. António Lino Neto.

D. NUNO.

Catarina de Médicis e a invenção de coelho mágico

EXISTE um dogma científico que ninguém ousou ainda pôr em dúvida: a divisão dos elementos da matéria em corpos simples e compostos.

Esta divisão era também adoptada por antigos alquimistas que pretendiam transmutar os metais mais grosseiros em oiro, nêsse cobiçado oiro que tantas calamidades tem desencadeado sôbre o Mundo.

Hoje, que os modernos laboratórios fazem a lenta transmutação do rádio — corpo simples — em hélio e em chumbo, porque havemos de considerar loucos visionários os alquimistas de ontem que ao atraso da sua época juntavam a sua confiante ingenuidade?

Devemos ter em consideração que os pioneiros da ciência contemporânea, fazendo explodir os átomos sob o bombardeamento dos electrões, procuram, ainda que por caminhos diferentes, a conquista do mesmo troféu que os seus desdenhados precursores — os alquimistas — tanto ansiaram obter.

À excepção de alguns sábios que têm sido alvejados com os mais rudes ataques, ninguém parece sentir a necessidade de investigar o trabalho dos pesquizadores de oiro da Idade Média, visto ser natural que dessas investigações surgisse alguma coisa de útil.

Assim, a obra dos alquimistas da Idade Média, parece-nos tenebrosa, porque a desconhecemos por completo.

Os sábios químicos de hoje parecem esquecer que as ciências químicas do nosso tempo, e de que tanto nos orgulhamos, nasceram nos alambiques desses antigos alquimistas. Verifica-se, no fim de contas e à luz da mais fria realidade, que os de hoje não têm a mais leve noção de que as suas hipóteses aparentemente audaciosas pela sua novidade são apenas uma pálida reedição das mesmas hipóteses formuladas outrora pelos velhos alquimistas de outras eras.

Por mais que lhes custe terão de reconhecer a verdade imutável pronunciada pelo Eclesiastes: «Nada existe de novo debaixo do sol».

Quando um dos sábios modernos ouve falar nos extenuantes esforços dos perseverantes pesquisadores de oiro da Idade Média, sorri desdenhosamente e convence-se cada vez mais da sua infabilidade apoiada no avanço prodigioso da ciência dos nossos tempos.

Nem sequer lhes passa pela mente que daqui a muitos séculos, os sábios de então, analizando a sua obra, hão de sorrir também desdenhosamente, e considerá-los ainda mais ridículos que os esquálidos nigromantes da Idade Média.

Todos aqueles que pretenderam profundar os trabalhos dos antigos alquimistas, esbarraram com as mais sérias dificuldades por falta de elementos. Os velhos alquimistas usavam duma escrita secreta que só muito dificilmente pode ser interpretada nos nossos tempos.

Parece que, prevendo a pouca consideração dos seus colegas dos séculos que haviam de chegar, nada fizeram que pudesse facilitar-lhes a tarefa de sondar-lhes os segrêdos.

Devemos ter em conta que o que estabelece maior diferença entre a Civilisação Moderna e a Civilisação da Idade Média e a da Antiguidade, não são as actuais descobertas, mas o efeito que essas descobertas científicas provocam na vida social da nossa época.

Nota-se então que, enquanto nós propagamos o avanço das ciências, os antigos procuravam guardar o segrêdo das mesmas ciências.

Se há mil anos aparecesse um homem a vear num aeroplano ou dirigível, seria imediatamente morto em atroz suplício como tendo pacto com o Diabo.

Haja vista o que sucedeu ao nosso Bartolomeu de Gusmão — o inventor da famosa «Passarola» que foi a precursora dos aviões. Se não fôssem altas influências que conseguiram arrancá-lo do cárcere, teria ido parar às fogueiras da Inquisição que nem as cinzas se lhe aproveitavam.

Os alquimistas da Idade Média eram vítimas das mais rigorosas perseguições — e daí o seu receio em divulgarem os seus trabalhos por mais fama que êstes lhes rendessem.

A Alquimia estava intimamente ligada com a Astrologia, não só pela sua linguagem, como pelas suas teorias. Daí a perpétua fonte de confusão para os eruditos modernos.

Designavam-se os corpos celestes pelos seus metais correspondentes. Os escritos de Nostradamus constituem um bom exemplo dêste facto. Era também comum designar os elementos da matéria pelo nome dos planetas, e de tal maneira, que, aos olhos da ciência actual torna-se necessário usar da maior atenção para interpretar qual a verdadeira significação, ainda que não seja essa a causa mais vulgar do êrro.

A Alquimia tinha um tripło fim expresso numa só forma: *fazer oiro*. Mas por *oiro* subentendiam-se três coisas: 1.ª — o oiro metal; 2.ª — o oiro fisiológico, isto é, a saúde e a longa vida; 3.ª — o oiro moral ou metafísico que poderia traduzir-se pela sabedoria que conduz à imortalidade.

Se nos limitarmos a ver nos alquimistas apenas os homens que procuravam fabricar oiro-metal, condenamo-nos, de antemão, a nada compreender dos grimórios que dêles vieram até nós, porque êles tanto nos falam duma coisa como doutra, como de três coisas ao mesmo tempo.

Pode parecer êste um estranho método... Talvez... Mas, se repararmos bem, verificaremos que determinadas chaves permitiam aos iniciados guiarem-se através desta estranha confusão, e como estas chaves se perderam, é essa a razão de tais escritos se tornarem, aos nossos olhos, extremamente difíceis de ser reconstituídos.

Nos livros de alquimia trata-se de tudo, até de política...

Se compararmos as teorias basilares que servem de fio condutor nos alquimistas nas suas especulações e nas suas investigações, saltar nos-á à vista que elas estavam em flagrante contradição com as hipóteses científicas mais em evidência nos fins do século XIX.

As hipóteses recentes, pelo contrário, aproximam-se cada vez mais.

Assim, os alquimistas acreditavam na unidade fundamental da matéria, e dá-se o mesmo com os químicos e os físicos contemporâneos: é pois não são todos os átomos compostos de electrões, de protões e de neutrões, nos quais apenas varia a disposição?

Os antigos mestres iam mais longe: não faziam distinção entre o animado e o inanimado. Para êles tudo era vivo: o oiro e o chumbo eram seres vivos que nasciam, evoluíam e morriam.

Em resumo, os alquimistas eram transformistas antes de Darwin, mas numa escala muito mais ampla, visto que aplicavam o transformismo a todo o Universo.

Não se poderá dizer, portanto, que êles pretendiam fabricar oiro, quando apenas deligenciavam obter o meio por que o oiro é formado na Natureza com o auxílio de outros elementos.

O instrumento fundamental dos laboratórios da alquimia era o *athanor* que não era um cadinho, mas uma espécie de ôvo. A mistura que nêle se introduzia era o embrião. Juntava-se-lhe um fermento: o pó de projecção a que os nossos químicos modernos chamariam um catalisador, e os nossos fisiologistas uma hormona.

E, já que nos referimos ao catalisador, cujo papel só tão recentemente foi descoberto, devemos salientar que os seus fenómenos eram já conhecidos pelos antigos árabes.

Aquecia-se então, pouco e pouco e durante muito tempo, o *athanor* a uma temperatura constante para que o embrião metálico se desenvolvesse tal como o embrião dum pinto se desenvolve pelo calor da galinha-mãe.

Pode preguntar-se: «Mas após tantos trabalhos não consta que êles tivessem chegado a fazer oiro!».

Um ilustre químico, a-quem foi feita esta objecção, limitou-se a sorrir, e respondeu com singeleza:

— Quem sabe?

Chegou a afirmar-se que Charles de Rais, o *Barbe Azul*, tinha descoberto o segrêdo.

Repare-se, no entanto, que êste segrêdo só poderia ter valor sob a condição de nunca ser divulgado.

Calcule-se o que sucederia se um dos nossos químicos saísse do seu laboratório, gritando:

— Achei a chave do segrêdo... Já sei como se fabrica o oiro! E todos podem fazer o mesmo, pois só sai por meio tostão cada grama!

O que sucederia se isto se desse?

Não só o sábio ficaria arruinado, mas tôda a Humanidade.

Os tesouros guardados por grandes Bancos e que regulam a economia mundial, passariam a valer menos que um monte de pedras. Assistiríamos então à mais espantosa catástrofe social de que jamais o mundo foi testemunha.

Pode, pois, admitir-se que tenham existido alquimistas que conseguissem realizar o seu sonho, isto é, a fabricação do oiro, partindo de elementos baratos. Mas, se assim sucedeu, nada nos deixaram escrito sôbre êsse assunto. E daí — quem sabe? — talvez seja essa a origem de algumas dessas fortunas fabulosas que tanto intrigaram os povos antes dos tempos modernos, atraíndo muitas vezes aos seus possuidores, não só a inveja, mas até as mais rudes perseguições.

Portanto, mesmo que fôsse possível descobrir a tal «pedra filosofal», êsse terrível segrêdo deveria ser guardado, a bem de todos, no fundo do mais impenetravel sepulcro. Pelo menos, assim deve ser enquanto o oiro continuar a ser representado directamente por notas de banco, instrumento universal de troca de valores entre os homens de todos os países.

Mas continuaremos ainda com êsse processo durante muito tempo?

Sabe-se lá!...

Diz o Evangelho, e outros livros sagrados que «um dia virá em que o sol e a lua não darão mais luz».

Tratando estas previsões como é uso na maior parte dos aforismos alquimicos, isto quere dizer muito simplesmente que «o oiro e a prata perderão todo o seu valor».

Já quási que sucede isto com o dinheiro comum nos países onde se desencadeia cada vez mais feroz a batalha a favor ou contra o oiro. O prestigioso metal que desde os tempos mais remotos reinou despoticamente sôbre as nossas civilizações, vê, de facto nos nossos dias a sua soberania contestada...

OS SEGRÊDOS DA ALQUIMIA

Se fôsse possível fabricar-se o oiro

tôda a Humanidade ficaria na miséria

Um retrato de Nostradamus

Dieu cesser ton ire de ma bouche.
Pour tanoncer la vente
Si ma prediction te touche
Rends grace à sa Divinité.

Um soberano consultando o seu alquimista astrólogo

Catarina de Médicis no laboratório de Nostradamus

— E então o meu amigo — pregunta amávelmente o padre da cadeia — porque se encontra aqui?

— Por um êrro de crença, meu padre...

O bom do padre, radiante, viu logo ali uma alma pronta a deixar-se levar para o trilho da virtude. Sentou-se ao pé do prisioneiro e carinhosamente inquiriu:

— Compreendeu então que seguia uma falsa crença?... Isso é muito, muito louvável, meu amigo, e eu...

— Sim meu padre... Eu estava absolutamente convencido de que não havia polícia, ali pelos arredores...

-•-

— Acabo de me casar, para gosar enfim uma vida mais tranqüila...

— Tem graça. Pelo mesmissimo motivo, acabo eu de me divorciar...

-•-

— Um viajante notou, em certo restaurante, que a sôpa lhe era servida por criadas de cabelos louros e o café por pequenas de cabelos pretos.

— ¿Questão de estética? — preguntou.

— Não — respondeu-lhe o chefe da mesa. — É porque os cabelos louros não se notam na sôpa, nem os pretos se distinguem no café...

-•-

— Leio, no seu anúncio, que o senhor cria animais para laboratórios. Pode vender-me uma centena de ratos e outra de ratazanas?

— Sim, senhor. É para experiências microbianas?

— Não. É porque mudo de casa e, segundo o meu arrendamento, devo deixar tudo como exactamente encontrei.

-•-

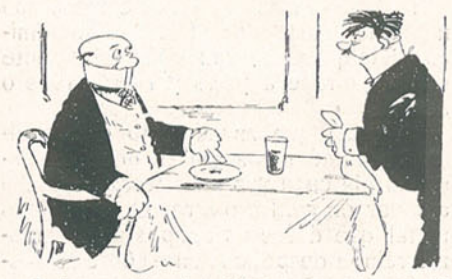
— Digam o que disserem — proclama Calino, casado com uma linda mulher, ao seu amigo Tibúrcio —, mas ainda há países, neste mundo, onde o comércio é prospero e a vida cheia de facilidades.

— Quais, por exemplo?

— A Itália. Aí os negócios correm tão bem que qualquer visitante é convidado para almoçar, para jantar, para ir ás corridas, ao teatro, aos bailes e a toda a parte sem necessidade de gastar dinheiro.

— ¿E como sabes tu isso, se nunca estiveste na Itália?

— Não estive eu mas esteve minha mulher, que regressou de lá a semana passada, e me contou tudo isso...



O freguez — Rapaz!... Isto é o prato sujo ou é o bije que eu pedi?!...

A mãe mostra ao Toneco a irmãzinha, que tem apenas dois meses, e pregunta:

— È linda, não é Toneco? Gostas muito da tua irmãzinha, não gostas? Não querias que a vendêssemos, pois não?

— Oh, não, agora não! Espera-se que seja maior, porque se vende mais caro!...

-•-

Nos últimos tempos, a Zézinha ouviu dizer, repetidas vezes, que a sua mamã estava «prestes a ser mãe». Por isso, quando o acontecimento estava próximo e a mandaram passar uma semana em casa duns tios, o que a obrigaria a faltar à escola, empregou estas palavras para prevenir a professora:

— Minha senhora, eu não venho à escola, para a semana, porque estou «prestes a ser mãe»...

-•-

Um professor belga deu-se á paciência de recolher algumas respostas de alunos, registadas nas escolas do seu país.

Eis aqui um pano de amostra da colecção:

— No corpo humano, ¿qual é o principal orgão de circulação? — As pernas.

— Indique-me um corpo sólido. — O homem.

¿E um corpo líquido? — A mulher.

— ¿Quais são as precauções a tomar antes do banho? Despir a roupa.

— ¿O que é a respiração? É o acto pelo qual o ar entra nos pulmões atravessa o estômago e sai pelos intestinos.

-•-

Lili entrou agora para a escola. Uma tarde, chega a casa radiante.

— Mamã, o professor de canto apareceu hoje e fez uma escolha. A mim, escolheu-me para o grupo dos que «sabem» cantar desafinado.

-•-

Júlio — Oh, diabo! Esqueci-me da chave da porta.

Edmundo — A tua mulher não ta abre, com certeza.

Júlio — Tenho uma ideia. Vou raspar à porta e a minha mulher julga que é o cão e abre.

Num teatro da provincia, representa-se um drama de que é autor um escriba da terra. No decurso de uma cena patética, o galã exclama.

— Tome cuidado, senhor conde! O senhor já fez com que meu pai e minha mãe morressem de miséria. Matou o meu irmão em duelo. Raptou a minha irmã. Mas tome cuidado, repito-lho: a paciência tem limites!

-•-

— Sabes, Bébé, a D. Felisbela foi a uma loja e comprou um lindo rapazinho.

— Ah, sim!... Quando tiver copiado o modêlo, torna a mandá-lo para a loja e diz que não lhe agrada.

-•-

— Como pecou Adão? — pregunta o abade a um aluno, na aula de catecismo.

— Comendo a maçã, que era o fruto proïbido.

— E qual foi o castigo aplicado por Deus?

— Obrigou-o a casar com Eva.

-•-

Estavam muito apaixonados um pelo outro. Conversavam, á noite, sentados, no terraço, de onde se via um enorme espaço de céu constelado de astros.

— Porque estarão as estrelas tão palidas, esta noite? — disse ela, meigamente, encostando-lhe a cabeça ao ombro.

— Porque os teus olhos são muito mais brilhantes — segredou-lhe ele com ternura, apertando-lhe a mão.

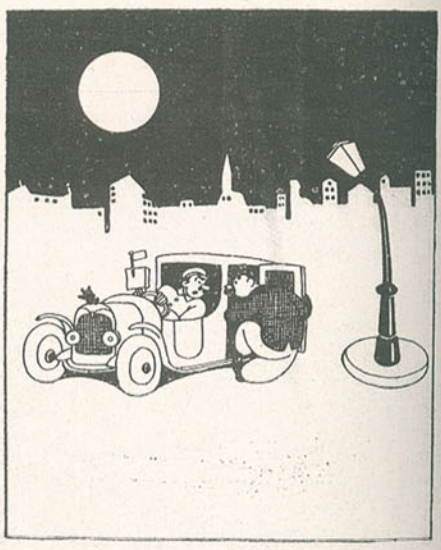
Como acima dissémos, estavam apaixonados, e iam casar em breve.

.....

— Quantos postes telegraficos seriam precisos para chegar daqui até ás estrelas, sempre gostava de saber? — murmurou ela, cismaticamente.

— Bastava um, se fosse bastante comprido! — resmungou ele. — Para que farás tu preguntas idiotas?

Passou-se isto depois de estarem casados.



O chauffeur — Para onde deseja ir?
O bebado — Que tem você com isso?

FIGURAS E FACTOS

Aspecto do banquete comemorativo da «IV Semana de Arte» realizado em Bruxelas e em que se reüniram professores de desenho, artistas e directores de museus de vinte países diferentes. Na mesa de honra tomaram parte os congressistas Carpat e Montfort (Bélgica); Wittgens (Itália); Nothumb (Luxemburgo), Schmidt (Suíça); Visser (Holanda); Richardson (Inglaterra) e Faria de Castro (Portugal).

A filha da estrêla do cinema Annabella que sua mãe foi buscar a França e passou em Lisboa com rumo a Hollywood

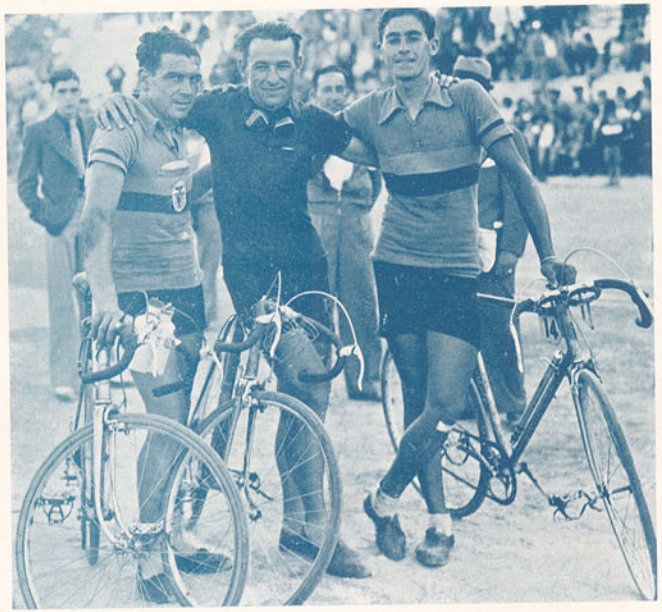
O dr. Manuel Anselmo, escritor de raras qualidades, que tantas vezes tem honrado as páginas da «Ilustração», acaba de publicar mais um livro: *A Poesia de Jorge de Lima*. Traçando um esplêndido ensaio de interpretação crítica, o autor enaltece a obra dêsse grande poeta brasileiro que «honra não só a sua Pátria como também a Língua Portuguesa

A Floresta dos Castigos é um livro de contos infantis que a nossa ilustre colaboradora D. Odette Passos de Saint-Maurice publicou para delícia da pequenada. Estamos convencidos de que até os adultos o apreciarão, tão sugestivas são as suas páginas E, já agora, salientaremos que o género de literatura infantil é um dos mais difíceis de realizar

O sr. Conde de Aurora reeditou o seu apreciado *Roteiro da Ribeira Lima*, que aparece agora muito aumentado. Espera-o certamente um novo êxito, não só pela utilidade da obra, como pela erudição que encerra exposta minuciosamente pelo seu autor, como, de resto, tem sido o seu lema em tantas ob as de mérito já publicadas

A entrega de um ramo de cravos por três gentis meninas ao sr. Júlio Cueto, redactor do diário madrileno «Informaciones», director da corrida Madrid-Lisboa

O tenente Afonso do Paço, depois de várias obras de alto merecimento em que o talento se alia à investigação paciente e profunda, publicou *As comunicações militares de relação em Portugal*, primoroso trabalho técnico em que o escritor está à altura do perito em tais assuntos



Mariano Cañardo, vencedor da corrida Madrid-Lisboa, entre os portugueses Nicolau e Lourenço, vencedores de étapes

AINDA não é tarde para comentar os resultados da corrida ciclista Madrid-Lisboa, o mais importante acontecimento desportivo do final da temporada de estio, antes da convergência das atenções púbilcas para as primeiras atividades de sua senhoria o futebol.

Disputada entre portugueses e espanhois logo a seguir à Volta a Portugal, onde a superioridade dos nossos compatriotas fôra manifesta, esperava o público que ela trouxesse a confirmação dêsse valor, apezar da maior fôrça do bloco adversário.

A vitória de Ildefonso Rodrigues na primeira caminhada, corrida em pelotão ao molde dos hábitos actuais dos portugueses, foi acolhida com entusiasmo e interêsse que, no dia seguinte, se transformaram em amarga desilusão perante a derrocada da classificação dos ciclistas lusitanos em conseqüência dos ataques incisivos e repetidos dos competidores estrangeiros.

Foi neste trôço de estrada, entre Talavera e Cáceres, que se decidiu afinal o resultado da prova para os nossos compatriotas, pois nas restantes étapas voltou o regime de caravana com o qual eles se entendem às maravilhas, mesmo nos casos de andamento duro.

Da leitura dos comentários publicados por todos os críticos que acompanharam a corrida e ainda da opinião unânime daqueles que podemos ouvir, depreende-se a confirmação segura daquilo que acêrca dos ciclistas nacionais escrevemos a propósito da sua acção durante a Volta recente: excelentes músculos, mas infelizmente privados da colaboração do cérebro, usando de táctica rudimentar e uniforme para todas as circunstâncias, por falta de escola e orientadores competentes.

Verifica-se, na grande maioria dos corredores portugueses, ausência de espírito de iniciativa agravada pela noção errada da melhor forma de coligarem os seus esforços no sentido do aproveitamento comum. Quando se encontram — e foi o que sucedeu no Madrid-Lisboa — num ambiente diverso e cujas directrizes não podem encaminhar dentro das normas usuais, sucumbem sem remissão e muito abaixo do valor próprio.

A QUINZENA DESPORTIVA

Citemos um exemplo: partindo de Talavera com um português no primeiro lugar da classificação, foram os portugueses que tomaram dêsde início a iniciativa do ataque, e fizeram-no com tamanha decisão que na primeira hora foram percorridos 41 quilómetros; para, afinal, concluirem o percurso ao desbarato ou desistirem, esgotados de fôrças e desmoralizados.

A conclusão prática e de possível utilidade futura para o progresso da modalidade, a tirar dos acontecimentos é a vantagem destas competições internacionais, a necessidade de lhes aumentar a frequência, habituando assim os nossos homens à luta em moldes mais agressivos e à intervenção de novos comparsas na comédia familiar que um tanto exageradamente estão repetindo quando entre si. Ao ciclismo português falta na actualidade um elemento de alma combativa como o José Maria Nicolau de há meia duzia de anos; não descortinamos entre os valores de hoje um atleta completo que alie aos seus dotes físicos de campeão, o brio e a inteligência dum desportista para o qual existe mais qualquer coisa além do interêsse profissional.

A época, que terá concluído quando esta crónica fôr lida, mas que esperava ainda a sua última manifestação activa no momento em que foi escrita, e que por tal motivo só no próximo número desta revista poderemos analisar em conjunto, deixa no entanto agradável recordação e a esperança viva de melhores dias pelo reatamento do contacto com corredores estrangeiros e pela garantia de continuïdade nas saídas dos lusitanos além fronteiras.

★

A reabertura da temporada futebolista, que em Lisboa se celebrou com o encontro dos dois grandes rivais na popularidade e no prestígio de tradições, põe em foco novamente a importância do papel desempenhado pelos indivíduos encarregados da preparação dos jogadores, cujo objectivo deve ser qualquer coisa de mais nobre do que o simples aperfeiçoamento de figurantes num espectáculo público e destinado a garantir lucros financeiros.

Se considerar-mos em primeiro lugar as conveniências individuais dos praticantes, a preparação desportiva, transformada pelos preceitos complexos da moticulosa técnica moderna numa ciência precisa, não pode ser separada do campo de acção da educação física. Os elementos empregados por uma e outra são semelhantes e, muita vez, confundem-se; os exercícios gimnásticos, gerais ou especializados, figuram em todos os programas de actividade da preparação para o desporto.

Esta regra está generalizada no espírito de todos os indivíduos que no País exercem a profissão de treinadores, entre os quais porém, infelizmente, muitos não possuem conhecimentos especializados, porque não frequentaram escola onde lhes ensinassem e é impossivel adquiri-los por auto-didatismo.

Treinar é uma coisa; preparar educando, que é afinal o que importa, outra bem distinta.

As funções de treinador só podem ser convenientemente desempenhadas por quem não possua faculdades educativas. O treinador que não seja um educador, afirma algures com propriedade Baquet, dirige os seus alunos por intuïção e aproveita às vezes com felicidade, por meio de processos empíricos, as suas qualidades naturais; o educador, consagrado também ao treino de especialização desportiva, desempenha contudo essas funções com mira na formação do corpo a par do desenvolvimento das faculdades e do emprêgo da técnica de base.

A soma de conhecimentos a que obriga um trabalho dêste género, põe desde logo em flagrante evidência a incapacidade daquelas criaturas cujos certificados de aptidão pedagógica se resumem à experiência prática da modalidade que pretendem ensinar.

Um treinador que mereça também a designação indispensável de educador não se improvisa num praticante hábil, experimentado, ao qual o pêso dos anos impoz a necessidade de reforma. Tendo por obrigação cuidar do aperfeiçoamento físico — que não dispensa aperfeiçoamento psíquico e moral — dos seus discípulos, só o conseguirá efectivamente se possuir também, a par da ciência táctica e técnica do seu desporto, conhecimentos vastos de ciências gerais que se não aprendem pela simples leitura nem se assimilam pela prática.

Talvez seja esta a razão porque, em Portugal, a acção dos treinadores desportivos não consegue manter continuïdade nem afirmar eficiência que valha os sacrifícios consentidos em seu favor.

★

A tremenda conflagração que assola a Europa poz fim prematura à actividade internacional do atletismo e autoriza a considerar dêsde já anulados os jogos Olímpicos cuja organização a Finlândia tão meticulosamente preparava para 1940.

Os resultados verificados na temporada dêste ano, reflexo do plano de preparação metódica dos seus melhores futuros representantes pelas grandes nações desportivas, mostraram em algumas delas a extraordinária valorização de homens de classe incomparável, como o alemão Harbig, o filandês Maki e o americano Jeffrey candidatos seguros à gloriosa coroação olímpica.

Dum modo geral verifica-se uma subida apreciável na categoria do atletismo alemão e finlandês, menos evidente mas também real no sueco e no italiano, que se aproximaram e ultrapassaram nalgumas especialidades os grandes mestres americanos.

Analisemos a lista dos melhores resultados da época, de elucidativo confronto.

Corrida de 100 metros: Jeffrey (E. U.), 10, 2 segundos; Neckermann (Alem.) 10, 3 s.

Corrida de 200 metros: Jeffrey (E. U.), 20, 8 s. na distância de 220 jardas (201m, 17); Scheuring (Alem.) 21 s.

Corrida de 400 metros: Harbig (Alem.), 45 s., novo record do mundo; Lanzi (It.), 46, 7 s.; Miller (E. U.), 47, 6 s.

Corrida de 800 metros: Harbig (Alem.), 1 m. 46, 6 s., novo record mundial; Mac. Curdy (E. U.), 1 m. 52 s.; cinco corredores europeus fizeram ainda melhor tempo do que este.

Corrida de 1500 metros: Andersson (Suecia), 3 m. 48, 8 s.; não há tempo americano sôbre a distância e o melhor resultado na milha (1609 m.) é de Cunningham e equivale aproximadamente a 3 m. 52 s.

Corrida de 5000 metros: Maki (Finl.) 14 m. 8, 8 s., novo record do mundo.

Corrida de 10000 metros: Tuomineu (Finl.), 30 m. 7, 6 s.; nestas distânciasos americanos são bantante inferiores.

Barreiras, 110 metros: Wolcott (E. U.), 14 s.; Lidman (Suecia) 14, 2 s.

Barreiras, 400 metros: Hölling (Alem.), 51, 6 s.; Cochran (E. U) 52, 1 s.

Saltos em altura: Steers (E. U) 2m, 03; Oedmark (Suécia), 1m, 99.

Salto em comprimento: Brown (E. U.) 7m, 74; Maffei (It.), 7m, 58.

Salto à vara: Day (E. U.) 4m, 38; Osoline (Russia) 4m, 30.

Lançamento do pêso: Stoeck (Alem.) 16m, 49; Watson (E. U.) 16m, 42.

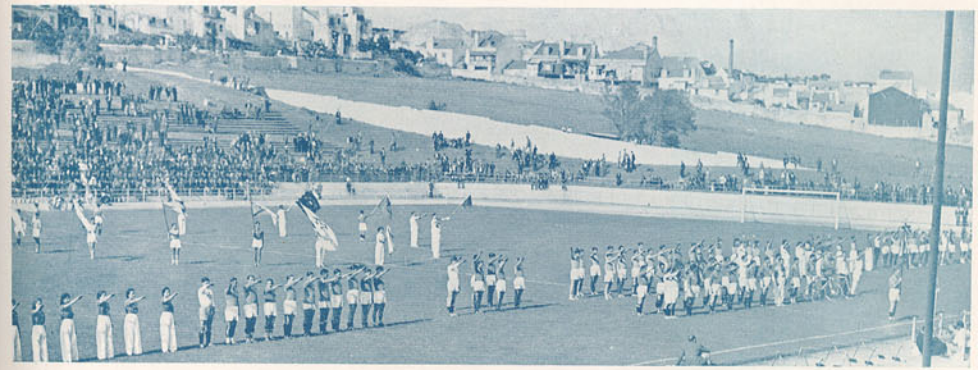
Lançamento do disco: Lampert (Alem.) 52m, 26; Fox (E. U), 51m, 50.

Lançamento do dardo: Jarvinen (Finl.) 74m, 88; o melhor americano atingiu apenas 69m, 20.

Lançamento do martelo: Veirila (Finl.) 58m, 67; o primeiro resultado americano foi de 52m, 15.

SALAZAR CARREIRA

Terminaram as férias e, com elas, o prazer da vida ao ar livre nas praias, no convívio com o sol e a água de que êste exemplo é flagrante imagem



O clube de futebol «Os Belenenses» festejou mais um aniversário apresentando no seu campo, em garbosa parada, a massa imponente dos seus atletas e gimnastas

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

De: C. Figueiredo (grande e pequeno); S. Bastos; J. Seguier; H. Brunswick (Ilust.); Povo; F. Almeida & H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette; Moreno; Torrinha; Mitologia de J. S. Bandeira; Rifoneiros de: P. Chaves, Delicado e R. Hespanha; Lusíadas e Nomes individuais de M. Silos.

RESULTADOS DO N.º 38

DECIFRADORES

(Totalidade de pontos — 18)

QUADRO DE HONRA

Marcolim, Alvarinto, Édipo, Fosquinha, Haníbal, Jorubasil, Lérias, Ricardo, Soba da Tôrre, M.me Lérias, Miss Sporting, Já Mexe, Castela, Dado, Nuninho e Siulno

QUADRO DE MÉRITO

Dr. Sicascar, Ti-Beado, Ramou Lácrimas, Sol de Inverno e Mirna - 17. Dama Negra, Agasio, Doris I, Sevla, Francisco J. Courelas, Visconde X, Tarata, Diriso e Cigano — 14. D. O. X., Aureolinda, Neptuno, J. Tavares, Calaveras e Aristofanes - 10. Oliva, Anjo das Serras e Tiroliro — 8

DECIFRAÇÕES

1 — Girianta. 2 — Estofas. 3 — Pedite. 4 — Aclara. 5 — Bemdito. 6 — Taboada, 7 — Melado. 8 — Roldana. 9 — Simulta. 10 — Gastalhão. 11 — Novela. 12 — Pingarelho. 13 — Mata-fome. 14 — Pre vi)so. 15 — Ri(xo)so. 16 — Vi(si)nho. 17 — Mar(zo)co. 18 — Deitar em saco roto.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

1) Vai Rogério caminhando
Pela horta com a filha
E de ora em vez preguntando
Porque é que nunca se *humilha*. — 5-1-3-6

Ao passarem junto à vinha
Viram perto dum bacelo
Uma carta que não tinha
Nem enderêço nem *selo*. — 6-2-1-7

E com voz imperiosa
Diz o pai de repelão:
— Isto é cartinha amorosa
Porque não tem *direcção* — 6-7-5-4

Ela já comprometida
Procura muito à socapa
Uma braça ali partida
E com ela a carta *tapa*. — 5-1-7-6

Depois, para disfarçar,
Responde em forma indirecta:
— Não me importava apostar
Como a carta é dum *pateta*.

Leiria *Magnate*

ADITIVAS

(Charadas antigas)

(Agradecimento e retribuição ao ilustre humorista «Bixo Knhoto» pedindo-lhe desculpa da irreverência final — troça com troça se paga —).

«Deixei de me ocupar dos velhos para me ocupar das crianças. Sôbre tudo dos atardados, dos idiotas, dos cretinos. Estudei a idiotia infantil». — *Dr. Voronoff.*

Entrevista ao *Diário de Notícias*.

2) Confundido, penhorado
Pela sua gentileza
Respon lo-lhe envergonhado:
Não me «viu» bem concerteza.

Bem sei... Quiz-me envaidecer...
Ao «Ordisi» competia,
Por melhor me conhecer, — 1
Pôr-lhe embargo à fantasia,

SECÇÃO CHARADÍSTICA

DESPORTO MENTAL

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 47

«Dizer-lhe: «Isso» não se faz!
«Nem parece coisa sua!
«Não ponha o pobre «rapaz»
«Nos carrapitos da lua,

«Que o ilude, e o que produz
«Crê ser obra genial:
«Incha... Estoira... E catrapuz!
«O trambolhão é fatal...»

Escreveu-me há tempo o Fialho,
Velho amigo verdadeiro,
Sôbre o seu belo trabalho...
Veja o que diz o bregeiro:

«— Que retrato primoroso
«O teu, feito p'lo «Knhoto»!
«Estás novo e mais «formoso»!
«Tu remoçaste, maroto!

«Certo aproveitaste o estar
«Voronoff no Estoril
«P'ra te fazeres enxertar
«Gland'las de mico ou mandril...

«Os milagres do saber! —
«Até juizo te deu!
«Por sinal que o tens a arder
«A escapar-se do chapéu!...

«Tens miôlo no «toutiço»
«E até o «Bixo» garante
«Que és um *génio!* És um gigante! — 2
«E eu que nunca dei por isso!

.....

«Agora a sério, Sileno:
«Perdeste quanto pagaste...
«Se te enxertasse em pequeno...
«Agora... Tarde piaste!...

«Ouve: e se aplicasse alguém
«Ao teu bom panegirista
«Um «enxertinho» também,
«(De marmeleiro... achas bem?)
«P'ra não ser tão fantasista?»

Como eu fui «apepinado»
Devido ao seu trabalhinho?
Gostou? Está consolado?
Achou-lhe *graça* «Bichinho?!

Lisboa *Sileno*

18) GEROGLIFO SIMPLES

(Enigma figurado)

Leiria *Magnate*

(5 Vi um *bailado campestre* — 2
Lindas moças a dançar
E como nisto sou mestre
Apeteceu-me valsar.

Mas não foi sem *intensão* — 1
Que quiz entrar no bailado,
E que estava lá um «peixão»
Que me deixou abalado.

Depois... Já senhor de mim
— Par'cia que estava louco —
Perguntei-lhe então assim:
— Quer' dançar comigo um pouco?

Ela tôda moquenqueira
Aceitou. Mas... grande ingrata!...
Rapinou-me da algibeira
Uma *moeda de prata*.

Leiria *Magnate*

(Agradecendo a «Sileno»a sua espirituosa aditiva do «Desporto n.º 44» e a todos os outros confrades que me têm dedicado produções).

(Extra-concurso)

4) O «Ordisito» é, de facto, um morgadinho com três anos e meio, tão sòmente; corre, salta, brincando alegremente deixando tôda a casa em desalinho.

Já lhe disse *uma* vez, em tom baixinho: — 1
«João! vou-te mandar vir brevemente
uma mana bonita e sorridente
p'ra depois lhe empurrares o carrinho».

Olhando-me e franzindo um pouco a testa
com cara de zangado se manifesta,
dizendo: — «papá eu não quero a mana!...» —

Ora nesta *época*, tão má, confrade — 1
julgo um dever fazer-lhe essa vontade
que, *porventura*, à minha, emfim, se irmana.

Lisboa *Ordisi*

TRABALHOS EM PROSA

ADITIVAS (Novíssimas)

5) Há no *seio da mulher* que se *oferece* muita *mentira*. 2-1.

Luanda *Tony*

6) *Além disso ordenar* não é *preferir*. 1-2.

Luanda *Fernando Costa*

7) No acesso da luta a *carnificina* foi horrível, *pois* aos dois bandidos nem uma *perna* escapou. 2-1.

Luanda *D'Artagnau Júnior*

SINCOPADAS

8) Como não levava dinheiro o *ladrão de estrada* apertou-lhe a mão. 3-2.

Lisboa *Copofónico*

9) O *coice* que me deu o teu burro fêz a minha *desgraça*. 3-2.

Luanda *Dr. Sicascar*

10) Um homem *muito alto* mal pode equilibrar-se no *sobrado*. 3-2.

Lisboa *Néné*

ENCADEADAS (Mefistofélicas)

11) Encontro sempre *obstáculo*, embora *mace* alguém, para me livrar de dôres de *cabeça*. 2-2(3).

Luanda *Ti-Beado*

12) Se achasses um *tesoiro oculto, não* acudias à tua casa *«arruinada»*? 2-2(3).

Algés *Marcolim*

13) Á *luz noto* sempre o *diabo*. 2-2 (3).

Luanda *Dr. Sicascar*

14) *Determinar a parte* que diz respeito á *igualdade entre duas razões*. 2-2 (3).

Luanda *Um Misterioso*

15) O *destino* do seu *quadro* depende da conservação dêste *anel, empregado em fazer sortilégios*. 2-2 (3).

Luanda *Tony*

16) Só nesta *cidade portuguesa* se *sente o prazer* de apreciar bem êste *«crustáceo»*. 2-2 (3).

Luanda *D'Artagnau Junior*

17) *Falhei* porque o *papel* na *fábula* não se prestava. 2-2 (3).

Luanda *Sergipe*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

ECOS DA QUINZENA

O sr. Presidente da República, saindo da Basílica da Estrêla após a celebração do "Te Deum" em acção de graças pela feliz viagem presidencial às colónias.—*Ao centro:* O Govêrno assistindo ao "Te Deum".—*Em baixo:* Os congressistas da Acção Católica com o sr. Cardial Patriarca na visita que lhe fizeram. O sr. D. Ernesto Sena de Oliveira, como prelado mais categorizado em Portugal, saüdou o sr. Cardial Patriarca em nome dos Congressistas

A Humanidade vai atravessar um dos mais dolorosos períodos com a guerra que se desencadeou na Europa. Dolorosamente aflitivo para os povos que se degladiam em sangrenta luta, que as invenções modernas tornam esmagadora, com o fogo que de tôdas as partes cai. Da terra em canhões assombrosos, do céu de milhares de aviões, que destroem com bombas e envenenam até o próprio ar que se respira, com gazes asfixiantes, tornando a vida num martírio de constante susto.

Triste e de preocupação para os Estados neutros, que vêm destruir cidades que pela sua beleza artística eram património de tôdas, encantando os olhos que as admiravam, e vendo ameaçada a sua economia, que sofre fatalmente, com a falta de mercados.

Hoje, na Europa, sem o intercâmbio comercial é impossível, que um país sofra, sem que os outros se ressintam.

Todos sofremos as conseqüências do mal alheio e não é sem horror que sabemos os tormentos que sofrem os países, que a ambição, inqualificável dos homens, lança numa das mais horrendas lutas, que têm ensanguentado e destruído a humanidade. Luta a que a civilização, que só para o bem devia existir, torna mais selvagem, do que as dos mais remotos tempos de selvajaria.

É é neste tempo de dôr e angústia para todos, que a mulher tem de ser a auxiliar do homem, e a consoladora dos filhos. Acabaram-se os tempos de futilidades inúteis, de divertimentos dissolventes, de despezas supérfluas.

E' chegado o momento de sacrifício, de penitência, digamos assim. Nos países em guerra as mulheres têm com a maior serenidade substituirem os homens em todos os trabalhos da rectaguarda, serem as suas animadoras e sobretudo o papel de velar pelos filhos, de serem mais do que nunca as educadoras, que têm de formar almas nobres, a que a desgraça dará a têmpera do aço, mas a que se não devem deixar de incutir sentimentos nobres e não de ódio, porque do ódio só vem o mal. Esse mal que a tão pouco tempo de guerra cobriu já de luto tantas famílias e fez verter tanto sangue.

Nos países neutros, nesses que não sofrem directamente os martírios da guerra, mas que fatalmente se verão atingidos nos seus interesses, é absolutamente necessário que a mulher, com calma serenidade e sangue-frio, saiba ocupar o lugar que se lhe oferece de consoladora e apoio do homem.

Sôbre a mulher recaem grandes responsabilidades na economia doméstica, que se reflectem na economia pública e no bem estar geral.

E' preciso que a mulher tome a sério essas responsabilidades e desempenhe cabalmente o papel que lhe compete.

Nada de despezas inúteis e sem utilidade, mas também as que o possam fazer, não se restringirem de maneira a fazer com que se ressinta o comércio.

Não açambarcar os géneros, aqueles que dispõem de meios para o fazer em detrimento de aqueles que não têm ao seu dispor cabedais para empatar, e, não tornar por êsse meio de tão baixo egoísmo, a vida impossível a todos, encarecendo os géneros de primeira necessidade.

A' Mulher cabem responsabilidades graves e quando da Grande Guerra, despensas havia em que apodreciam géneros, emquanto que em outras casas, crianças definhavam, por não haver à venda géneros de que careciam para a sua alimentação.

Da bôa orientação da mulher a quem incumbe o pesado fardo da administração material do lar, depende o bem estar geral.

E não só na parte material pode a sua influência ser decisiva mas também na parte moral. A mulher não deve gemer a todo o momento sôbre desgraças que não pode remediar, nem deve passar os seusdias arquitectando hipotéticos males, que ainda não afligem o seu país.

Serenamente, com confiança na Providência Divina, deve encarar com coragem o momento que atravessamos.

Renunciar à vida frívola e muitas vezes prejudicial, que numa preocupação de elegância mal compreendida fazia Dedicar-se verdadeiramente aos seus numa ordenada vida familiar, e, contribuir para o bem geral dedicando os momentos desperdiçados em distracções inúteis, e, algumas vezes perigosas, para a sua integridade moral, em obras de auxílio áqueles, que pobres, sofrem verdadeiramente da instabilidade da vida e das dificuldades, que uma guerra na Europa traz a todos os países.

E a mulher portuguesa de tanto coração e de tão dedicada ternura estou certa, que há-de compreender qual a sua missão em tão dolorosa contingência e aproveitará êste momento angustioso, para evidenciar as suas muitas qualidades, que se estavam diluindo um pouco, nessa ânsia de imitação à vida vertiginosa e falsa que se fez êstes últimos anos à beira do abismo.

MARIA DE EÇA.

PÁGINAS FEMININAS

A MODA

Não se sabe ainda muito bem o que será a moda do inverno, porque a alta costura nêste primeiro embate de guerra ainda não se pronunciou. Por esse motivo as «toiletts» que aparecem mantêm a mesma linha que temos usado nestas últimas estações.

Qual será a modificação que a moda criada na guerra trará? Em breve o saberemos, porque os costureiros franceses farão como na Grande Guerra e não deixarão a outros países a glória da criação da moda, que há tantos anos e tão justamente lhes cabe.

Paris será sempre o berço da moda, embora debaixo da ameaça dos bombardeamentos aéreos, e, na angustia do perigo iminente.

A-pesar-de nos faltar o guia seguro, para anunciar a moda, que são as corridas de Longchamps, damos já alguns modelos de grande elegância para o outono e alguns dêles, na suavidade do nosso clima poderão, já servir como vestidos de inverno.

Estes vestidos todos elegantes são muito práticos prestando-se alguns dêles a fazer arranjos com casacos ou vestidos que já se possuam como por exemplo este: em pano «beije», que tem como guarnição um bolero em bordado negro. Com qualquer casaco ou vestido que se tenha, pode fazer-se um prático arranjo embora o modelo seja um elegante casaco de tecido Radier.

Com gola alta à militar é abotoado com grandes botões pretos. Chapéu, em «flamond» preto, guarnecido com uma pluma da mesma côr, posta em pé atraz, luvas pretas.

Outro modelo duma grande simplicidade «tailleur» em fazenda «gris» claro. Saia cortada enviezada e com roda, formando uma prega à frente.

O casaco tem uma original guarnição na gola, bandas e algibeiras em pele «rasée» preta, quem tiver lontra conseguirá um muito mais bonito e rico efeito, guarnecendo o vestido com essa pele.

Como peitilho um lindo lenço em «surah» preto e «gris». Chapéu em feltro preto guarnecido a fitas em «gros-grain gris». Luvas em suéde cinzento claro e carteira em cabedal preto.

É uma «toilette» muito simples mas dum gôsto requintado.

Uma «toilette» linda é a que apresentamos em tecido Radier azul Mediterrâneo. A saia cortada em panos mais estreitos em cima, cai com muita elegância e tem à frente uma prega. A jaqueta muito justa tem a frente em forma de colete, abotoada com botões da mesma côr e tem uma linda guarnição de bordados na mesma côr em lã. Sôbre êste conjunto uma lindíssima capa do mesmo tecido, que encaixa nos ombros com a maior elegância.

Ao pescoço um lenço de sêda azul escura com «pois» branco. Chapéu em feltro azul escuro com a aba para cima libertando o rosto e deixando ver o penteado atraz.

Nos outros dois modelos damos a moda que apareceu em Deauville e que foi decretada para o outono.

«Tailleur» em pano azul escuro. Saia à «godets» bastante rodada, casaco muito cintado e com bastante aba, tendo algibeiras de fantasia e abotoando com um só botão. Blusa em seda cor de rosa em género «chemisette». Grande feltro azul escuro sem nenhuma guarnição.

O outro modêlo é em «tweed» inglês, em que predominam os tons côr de ferrugem. O vestido inteiro, tem na saia leques de pregas plissadas e cinto e gravata em camurça preta. Sôbre o vestido casaco comprido no mesmo «tweed».

Completa a «toilette» um chapéu em feltro côr de ferrugem, guarnecido com azas pretas, que é dum lindo efeito. Grande saco em couro natural, acompanha êste conjunto, que é muito prático e adaptável a «toilette» de viagem. Todos êstes modêlos têm uma grande linha de elegância.

O «TRICOT» INSUBSTITUÍVEL

Começou há 25 anos com a guerra a mania do «tricot». Faziam-se agasalhos para os soldados que no inverno combatiam debaixo de chuva e neve, e não tardou que se começasse a fazê-los para uso comodo das senhoras, que achavam caros os tecidos, que tanto tinham subido de prêço, e assim nasceu a moda das «chandailles» e «sweaters», hoje tão espalhada. Agora mais do que nunca ela prevalecerá e muito terão que trabalhar agulhas e lãs, para agasalhar e perservar do frio os que combatem em tão inhóspitos climas.

E voltaremos a ver mulheres impunhando agulhas e fazendo o seu tricot, por tôda a parte, aproveitando todos os minutos.

E assim no «Metro», no «autobus», no restaurante reaparecerá o «tricot» interminável e contínuo, que é uma forma de dedicação feminina e uma prova de que são lembrados os que combatem longe, sofrendo tôdas as tormentas duma guerra moderna mais dolorosa e maléfica do que nenhuma outra.

A MULHER NA GUERRA

Como há vinte e cinco anos, a mulher ao começar a guerra dedicamente se oferece para acompanhar o homem na sua terrível tarefa.

Em Londres, mulheres abrem trincheiras de defesa contra a aviação e trabalham com energia. Em tôda a parte se faz notar a serenidade das mulheres na eminencia dos ataques aéreos, e, da graça com que as parisienses entretêm os minutos ou horas que passam nos refugios, em graciosos ditos de espírito.

Nos hospitais oferecem-se enfermeiras e ao pedido de enfermeiras num hospital de Inglaterra até a duqueza de Kent, cunhada do rei de Inglaterra se ofereceu para prestar serviço.

E Marina da Grécia, a elegantíssima duquesa de Kent, que pelo requinte das suas «toilettes» chama a atenção na Côrte de Londres, enverga a bata branca de enfermeira, que a torna ainda mais elegante, e, trabalha afincadamente na preparação de pensos que irão suavisar os ferimentos dos soldados ingleses que se batem pela sua Pátria. E assim a mulher abandona os divertimentos ou o trabalho a que está habituada, para coadjuvar os que se batem para que a integridade moral da sua Pátria não seja prejudicada e possa fazer face aos seus compromissos de honra.

E se o homem muito sofre com a guerra e vê a sua vida em perigo, hoje com os ataques aéreos, a mulher corre os mesmos riscos e tem ainda o sofrimento moral de ver partir para a guerra aqueles que são a sua razão do viver. Maridos, filhos ou noivos, que partem para não voltar mais talvez, e que têm de ser animados.

A verdade é que em todos os países se nota uma modificação absoluta na atitude feminina perante a partida dos mobilisados.

Há vinte e cinco onos fazia-se entre lágrimas, hoje é com extrema resignação e dôr oculta, que a mulher que a vida preparou para todos os sacrifícios, vê partir os que lhe são queridos.

E assim, a mulher que fazia uma vida futil resgata a sua errada compreensão da vida, num sacrifício sublime dos seus sentimentos de coração sacrificando-se com a maior dignidade.

HIGIENE E BELEZA

Há muitas senhoras que quando começa o calor sofrem duma grande transpiração na cabeça, que com a continuação afecta o cabêlo e acaba por fazer que caia em abundância, prejudicando a beleza da sua aparência e reduzindo-as muitas vezes à tristeza da calvicie.

Logo que se note essa tendência deve fazer-se tratamento, fazendo diminuir a secreção e ao mesmo tempo estimular a circulação do couro cabeludo.

Para êsse efeito são ótimos o alcool, o eter e o formol. Aqui ficam três receitas em geral de esplêndidos resultados:

Acido acético 2 gramas, formol 30 gôtas, salol 10 gramas, benzina 5 gramas, alcoolato de alfazema 30 gramas, alcoolato de limão 30 gramas, alcool puro 30 gramas.

Formol a 40 por 100, 1 grama, tintura de jaborandi 10 gramas, água de colónia 200 gramas.

Cloral 1 grama, ácido fénico 4 gramas, balsamo de Fioravanti, 30 gramas, eter 30 gramas, água destilada 200 gramas.

Qualquer destas receitas é eficaz, o que é necessário é no caso duma não dar resultado recorrer à outra, porque não há só doenças há doentes e o que faz bem a uns não dá resultado a outros.

RECEITAS DE COZINHA

Scones: — Uma colher de sopa bem cheia de farinha de crescer, o chamado fermento inglês, seis colheres de farinha de trigo, misturam-se muito bem em sêco e junta-se-lhes uma colher e meia das de sopa de açúcar, uma colher das de sopa e um quarto de leite, um ovo, uma colher de sopa de manteiga, uma pitadinha de sal.

Amassa-se muito bem com as mãos e forma-se sôbre a tábua de amassar um rolo comprido; corta-se êsse rolo em dezasseis bocados e de cada um faz-se um pãozinho pequenino um pouco chato, ao pô-los no tabuleiro untado com manteiga, dá-se um golpe com a faca ao meio, e vão ao forno a cozer até ficarem bem doirados.

Servem-se ainda quentes e são deliciosos à hora do chá.

Bolo de arroz: Lava-se e escolhe-se 250 gramas de arroz e deita-se num litro de leite a

ferver, com uma casca de limão, deixa-se cozer em lume brando sem mecher durante uma hora.

A meio da cozedura, junta-se um pouco de sal, 150 gramas de açúcar e meia colher de manteiga de vaca. Em o arroz estando bem cozido e espesso afasta-se do lume, tira-se a casca do limão e deixa-se esfriar um pouco.

Juntam-se em seguida duas gemas de ovos e uma clara batida em neve, misturando-se tudo bem Unta-se uma fôrma com manteiga, polvilha-se com farinha, deita-se-lhe dentro o arroz e coze-se no forno. Deixa-se esfriar na fôrma e desenforma-se num prato de cristal.

DE MULHER PARA MULHER

Indecisa: Mas é a primeira vez que tenho de responder a uma pergunta dessas. A si é que compete reflectir e ver se na verdade tem vocação para o casamento e se êsse rapaz lhe agrada o bastante para unir a sua vida à dêle para sempre. Estude as suas qualidades morais as afinidades de gostos e veja se o futuro se lhe apresenta possível com êle, arrastando tôdas as alegrias e tristezas de que se compõe a vida humana, e se por êle é capaz dos sacrifícios que exige a vida comum de dois entes, que se unem para fundar um lar. A vocação só nós é que a podemos conhecer.

Alda: As Belas Artes são sempre indicadas à mulher como uma profissão que lhe está adequada. O desenho é sem dúvida uma das mais belas manifestações da Arte. Mas entre nós é difícil ganhar a vida como desenhadora, porque há pouco onde o fazer. Essa sua amiga em que me fala poude ganhar tão bem porque vivia em Paris onde há sempre trabalho para os artistas. No entanto experimente e é possível que quando acabar o seu curso, as coisas tenham mudado.

Julieta: — Todos êsses inconvenientes têm graça quando recebidos com bom humor. Naturalmente que numa instalação provisória não pode ver o confôrto que tem na sua casa, mas não estrague as suas férias com lamentações inúteis e não aborreça os que a rodeiam. O «maillot» em azul escuro fica muito bem, as côres escuras são preferíveis porque adelgaçam. Está muito a tempo de aprender a nadar e creia que a natação é um dos melhores exercícios.

MARIA DE EÇA

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — — — —
Copas — V. 5, 4
Ouros — D.
Paus — D. 10, 9, 8

Espadas — 10	**N**	Espadas — 9, 8
Copas — R. D.	**O E**	Copas — 9, 7, 6, 3
Ouros — 10, 8, 3		Ouros — — — —
Paus — V. 5	**S**	Paus — 7, 6

Espadas — R. D.
Copas — A. 10, 8
Ouros — 7, 6
Paus — A.

Trunfo copas. **S** joga e faz 7 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga 6 *e.* **N** — A *e.*
N » A *c.* **S** — A *p.*
N » 4 *p.* **S** — 3 *o.*
N » 4 *e.* se **E** jogar 8 *e.*, **S** — 9 *e.*, e **E** só faz uma vasa.

Se **E** jogar 10 *e.*, **S** — 7 *e.* **E** é obrigado a jogar 3 *p.* que **S** corta de 2 *e.* e **N** recorta com 5 *e.*, enforquilhando os trunfos de **E**.

As cinco letras

(Problema)

Eis um diagrama onde se vêêm as cinco primeiras letras do alfabeto, cada uma delas aparecendo cinco vezes.

Reparem bem na disposição em que elas se

A	E	C	B	D
E	E	A	C	B
D	C	B	D	C
C	B	D	A	A
B	D	E	A	E

encontram e queiram responder às seguintes preguntas relativas a essa disposição.

(1) Quais as letras que não aparecem mais do que uma vez em qualquer das colunas verticais?

(2) Quais as letras que não aparecem mais do que uma vez em qualquer das filas horizontais?

(3) Quais as colunas ou filas que contêem cada letra uma única vez?

(4) Quais as colunas ou filas que contêm duas letras aparecendo duas vezes cada uma?

Os guardanapos

O uso de guardanapos à mêsa é um dos muitos costumes que temos de agradecer aos romanos. Estes, porém, não os destinavam ao mesmo fim para o qual nós hoje os usamos.

Naquele tempo era uso distribuir-se um guardanapo a cada conviva no *fim* da refeição, no intento de servir de envólucro para as frutas, dôces ou iguarias que tivéssem sobejado sôbre a mêsa, levando cada conviva, disso tudo o que mais apreciasse.

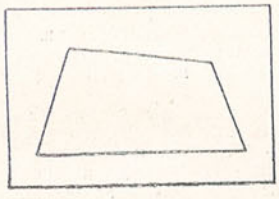
E os convivas finos e bem educados, querendo ser amáveis, mostravam-se ávidos em retirar o seu quinhão, como tributo à excelência dos manjares.

Os ciclistas

(Solução)

Daí a 6 horas.

A figura geométrica



Em geometria, uma figura como esta chama-se:

Um pentágono, um rectângulo, um trapézio, um rombo, ou um hexágono?

Origem do baloiço

A primeira mãe que se lembrou de suspender numa árvore o berço do seu filho foi decerto, quem inventou o baloiço.

Todavia, só depois de se estabelecerem os Jogos Icários, os quais se celebravam, baloiçando-se os jogadores numa corda prêsa a duas árvores, e que esse exercício se tornou de moda entre os Atenienses, onde tanto era praticado pelas raparigas como pelos rapazes e velhos, conforme nos diz Plutarco. Pelo decorrer dos tempos, a corda simples duplica-se, triplica-se. Nela penduram um banco, uma cadeira de braços mesmo, como se pode vêr reproduzido em tantas gravuras e quadros antigos.

As árvores anãs, ou japonesas, foram, pela primeira vez, enviadas em quantidade comercial para a Europa em 1878, por ocasião da abertura da Exposição Hortícola de Paris.

Mal acondicionada, porém, morreram quási tôdas; em 1839, um horticultor de Tokio instalou um jardim japonês num dos cantos do Trocadero que foi um dos locais mais admirados da Exposição Universal.

O prêço dos primeiros livros impressos

Os primeiros livros impressos custavam tão caro como os manuscritos. Joãa Fürst, o célebre livreiro de Basiléa, vendia as duas Biblías impressas a cêrca de 3.000 escudos do nosso dinheiro actual. A carestia dos primeiros impressos era devida ás dificuldades da composição e, também, a terem sido impressos em pele de vitela. O seu prêço baixou instantâneamente logo que se empregou o papel feito de trapo.

Fumo

O espírito inventivo dos americanos não tem limites. Ainda recentemente descobriram um novo processo de preparar os cigarros, graças ao qual, êstes, em vez de produzirem fumo negro, poderão produzir fumo da côr que se quiser. E o inventor afirma poder assim obter-se tôdas as côres do arco-iris.

O que, decerto, permitirá às mulheres bonitas fazer com que os seus cigarros condigam com a côr das suas *toilettes* ou dos seus olhos!

Havia em Pittsburg um poço com 2 209 metros de profundidade e em Czucho, na Alta Silésia, um outro com 2 240, sendo ambos considerados os mais profundos do Mundo. Mas em 1919 foi aberto um poço em Clarkburg, na Virgínia ocidental, em busca de petróleo que atingiu 2.252 metros, sem resultado.

Um livro principesco

A princesa Maria José de Piemonte, irmã do rei Leopoldo da Bélgica e princesa herdeira da Itália, ao visitar, em Novembro último, Bruxelas, incumbiu uma grande casa editora belga de lhe publicar a tradução do seu livro «Na África Oriental».

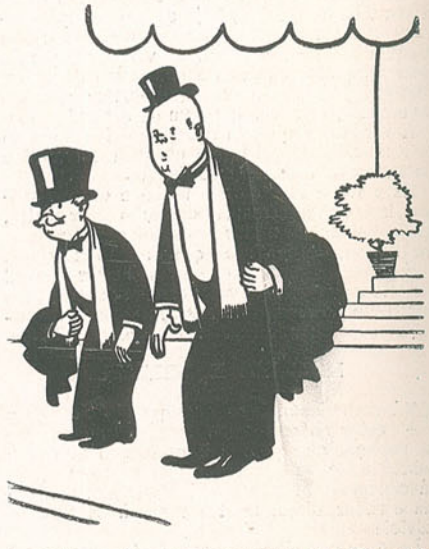
Consta êle de notas tomadas pela princesa, por ocasião da sua estada na Eritreia e na Etiópia, uma espécie de jornal repleto de páginas cheias de vida e de espírito.

Êste livro será possívelmente, seguido dum romance, pois que a princesa Maria José, áqueles que sôbre o assunto a interrogaram não negou!

O azeite virgem tem no catolicismo, o nome de *Santos O'leos*, e desempenha um papel importante ao lado do trigo, do vinho e da água.

Este rito é uma sobrevivência do antigo culto pagão, que consagrava a oliveira.

Racine escreveu onze tragédias, das quais duas, a «*Tebaïda*» e «*Alexandre*» são consideradas obras da mocidade. Escreveu uma única comédia «*Les Plaideurs*».



— Então aquêle parvo do empregado lá do Casino não me deu o chapéu trocado!
— E a mim também. Do «*Windsor Magazine*».

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1938

Esc. 21.045.116$72

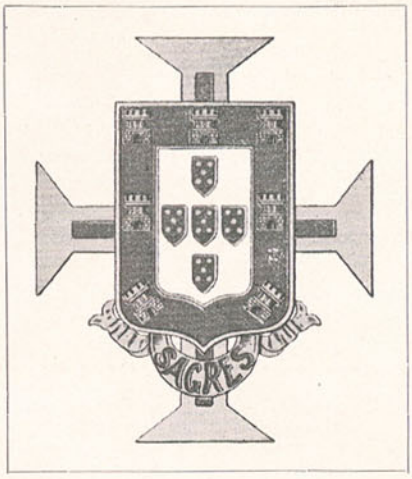
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1938

Esc. 15.863.803$97

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edificio próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

O melhor método para aprender a ler

JOÃO DE DEUS

CARTILHA MATERNAL 1.ª e 2.ª parte, cada	2$00
Album da Cartilha Maternal, enc.	90$00
Guia da Cartilha Maternal, 1 fol.	2$00

A Cartilha Maternal de João de Deus
é o melhor método de leitura de consagração nacional adoptado pela maioria do professorado primário

Fazem-se remessas à cobrança para todos os pontos do pais

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde

Esc. 15$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 17$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 75 — LISBOA

MATCH

O semanário mais completo de actualidades mundiais

Profusamente ilustrado, magnificamente colaborado

Esc. 2$60

Paris-Soir

O jornal de maior reportagem mundial

Muito bem redigido e ilustrado

70 centavos

Marie-Claire

A mais bela, a mais completa, a mais interessante revista semanal feminina

Esc. 3$00

Distribuidores gerais: **LIVRARIA BERTRAND,** Rua Garrett, 73 — LISBOA

ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR
QUE NÃO AFECTA
A GARGANTA

DOUBLE $60
Simples $30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA—LISBOA

LIVROS DE ESTUDO

para o ensino infantil
primário, secundário, superior e técnico

Livros de Medicina

Nacionais e estrangeiros

Livros de Direito

Livros comerciais e industriais

Dicionários portugueses

de Cândido de Figueiredo,
Biblioteca do Povo e outros e de tôdas as línguas

TODOS OS LIVROS DE ENSINO

para os liceus, escolas infantis primárias, secundárias, superiores, tecnicas e comerciais e todos os

LIVROS DE LITERATURA

de todos os editores, tanto nacionais como estrangeiros

Remetem-se à cobrança para todos os pontos do País

e encontram se à venda na

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol br. ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ... 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

OBRAS DE JÚLIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editôres, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

A leitura dos romances de Júlio Verne distrai, instrue e faz meditar, constituindo FORMIDÁVEL EXERCÍCIO DE INTELIGÊNCIA

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — **Da terra à lua,** viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.

2 — **Á roda da lua,** trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.

3 — **A volta ao mundo em oitenta dias,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:

4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.

5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.

6 — **Cinco semanas em balão,** trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.

7 — **Aventuras de três russos e três ingleses,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

8 — **Viagem ao centro da terra,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

9 — 1.ª parte — *América do Sul.* 1 vol.

10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.

11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.

Vinte mil léguas submarinas:

12 — 1.ª parte — *O homem das águas,* trad. de Gaspar Borges de Avelar.

13 — 2.ª parte — *O fundo do mar,* trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.

A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:

14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.* 1 vol.

15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.

16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.

Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:

17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.

18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.

O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:

19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.

20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.

21 — **Uma cidade flutuante,** trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.

22 — **As Índias negras,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:

23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.

24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.

25 — **O Doutor Ox,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:

26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol.

27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.

28 — **A galera Chancellor,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

29 — **Os quinhentos milhões da Begun,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

30 — **Atribulações de um chinês na China,** trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.

A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.

32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.

A jangada, trad. de Pompeu Garrido:

33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.

34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.

As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:

35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.

36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.

37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.

38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.

39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.

40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.

41 — **A escola dos Robinsons,** trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.

42 — **O raio verde,** trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.

Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:

43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari.*

44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.

45 — **A estrêla do sul,** trad. de Almeida de Eça. 1 vol.

46 — **Os piratas do arquipélago,** trad. de João Maria Jales. 1 vol.

Matias Sandorff:

47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.

48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.

49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.

50 — **O náufrago do «Cynthia»,** trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.

51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

52 — **Robur, o Conquistador,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:

53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar.* 1 vol.

54 — 2.ª parte — *Justiça.* 1 vol.

55 — **O caminho da França,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:

56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.

57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.

Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:

58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.

59 — 2.ª parte — *O padre Johann.* 1 vol.

60 — **Fora dos eixos,** trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.

Cesar Cascabel:

61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente,* trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.

62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo,* trad. de Lino de Assunção. 1 vol.

A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:

63 — 1.ª parte — *A' procura dos náufragos.* 1 vol.

64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.

65 — **O castelo dos Carpathos,** trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.

66 — **Em frente da bandeira,** trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.

A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:

67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.

68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.

69 — **Clovis Dardentor,** trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.

A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:

70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.* 1 vol.

71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.

72 — **A carteira do repórter,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:

73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol.

74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.

75 — **Um drama na Livónia,** trad. de Fernando Correia. 1 vol.

76 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.

77 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.

78 — **A invasão do mar,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

79 — **O farol do cabo do mundo,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

80 — **A Aldeia Aérea,** trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.

81 — **A Agência Thompson & C.ª,** 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

82 — **A Agência Thompson & C.ª,** 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

À VENDA

ALMANAQUE BERTRAND

para **1940**

41.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Descrição e mapas, a côres, do

IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 395 gravuras, algumas a côres, cartonado... **10$00**

Encardernado luxuosamente... **18$00**

Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA